



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Antropologia – DAN

“TRAZ UM LITRÃO!”:
SOCIALIZAÇÃO ENTRE JOVENS NOS BARES DO
DISTRITO FEDERAL

ISABELA BATISTA SANCHES

Brasília/DF
2019

ISABELA BATISTA SANCHES

“TRAZ UM LITRÃO!”:
SOCIALIZAÇÃO ENTRE JOVENS NOS BARES DO
DISTRITO FEDERAL

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientadora: Sílvia Maria Ferreira Guimarães (DAN/UNB)

Banca examinadora:

Professora Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Professor Dr. João Miguel Sauthuck

Brasília/DF, 15 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Maria Lúcia e Sylvio, por trabalharem duro para me garantirem uma educação privilegiada e por me incentivarem a ir além, buscar o conhecimento na forma sensível e atenciosa de se relacionar com a vida, o tempo, as pessoas e a natureza.

Agradeço à minha prima, Nanah, por ser uma mulher incrível buscando sua formação acadêmica ao mesmo tempo em que constrói sua família e leciona para jovens. E ainda arranhou tempo para ler minhas ideias, pontuar melhores caminhos, sugerir referências e estimular meu senso crítico.

Agradeço à minha irmã, Tainá, por ser uma mulher incrível buscando sua independência através de muito trabalho, se esforçando com paixão para impulsionar a pesquisa, a ciência e a tecnologia em todos os âmbitos possíveis. E ainda arranhou tempo para me acompanhar em alguns litrões e debater minhas ideias em mesa de bar, além de ler meu trabalho e revisar toda a formatação.

Agradeço à professora e minha orientadora, Silvia Maria, por ser uma mulher incrível buscando cuidar de seus alunos, sua família, sua atuação acadêmica e social. Admirei Silvia no momento em que a presenciei ouvir críticas de estudantes negros a respeito da falta de referências negras na ementa de seu curso, abrir debate para a inclusão de novas referências e refazer a ementa, dando espaço durante as aulas para que os estudantes compartilhassem suas mais sinceras e ácidas opiniões e informações. A criatividade estimulada pela professora no curso de Métodos e Técnicas em Antropologia Social foi crucial para que nós, que cursamos, nos apaixonássemos pelas nossas pesquisas.

Agradeço ao professor João Miguel, por aceitar fazer parte da banca examinadora e por ter sido um professor que me inspirou a definitivamente transferir para o curso de Antropologia, quando até então eu estava cursando Ciências Biológicas e me aventurei, seguindo meu coração – por mais clichê e rimado que seja –, em seu curso de Teoria Antropológica 01.

Agradeço a todos os amigos que me ouviram durante quase dois anos falando constantemente sobre Estudo do Desvio e a história de Brasília e compartilhando fatos aleatórios sobre os bares do DF. Agradeço especialmente àqueles que formaram o grupo parceiro, participando através de observações, debates e registros, se envolvendo e contribuindo ativamente com a pesquisa desenvolvida e aqui exposta.

Agradeço aos funcionários e donos dos bares pesquisados, aos comerciantes ambulantes e aos frequentadores. Todos esses sujeitos compõem o espaço e o tempo estudados, é através

deles e de suas subjetividades que os vazios espaciais e culturais de Brasília são reinterpretados e preenchidos, possibilitando a expansão de discursos e de práticas populares.

Enfim, agradeço a mim mesma por ter conseguido atingir mais esse degrau da escada padrão de ascensão do capitalismo moderno, tendo consciência dos privilégios que facilitaram a minha chegada e também das dificuldades que enfrentei e enfrentarei por ser quem sou no cenário político atual.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo investigar a rede de relações dos bares frequentados pela juventude no Distrito Federal. Para tanto, foram elencados os principais atores sociais que contribuem para a construção do espaço-tempo investigado, levando em conta que essa contribuição se dá a partir de reinterpretações subjetivas da estrutura física e social de Brasília. Foi realizada etnografia que visou o registro colaborativo com a intenção de captar o espaço-tempo através de diferentes perspectivas. Os instrumentos metodológicos utilizados foram um diário de campo compartilhado, um formulário *online* e possibilidades audiovisuais. Concluiu-se que os bares pesquisados são espaços alternativos e subversivos em Brasília, possibilitando encontros e comunicações de mesmas características e garantindo a expansão de discursos geralmente silenciados nos ambientes do cotidiano brasiliense.

Palavras-chave: Bares. Relações sociais. Juventude. Brasília.

ABSTRACT

This work had the objective of investigating the network of relations of the bars frequented by youth in the Federal District. In order to do so, the main social actors that contribute to the construction of the space-time investigated were noted, taking into account that this contribution is based on subjective reinterpretations of the physical and social structure of Brasília. Ethnography was performed, wich aimed at collaborative registration with the intention of capturing space-time through different perspectives. The methodological tools used were a shared diary, an online form and audiovisual possibilities. It was concluded that the bars surveyed are alternative and subversive spaces in Brasilia, allowing meetings and communications of the same characteristics and guaranteeing the expansion of discourses usually silenced in the Brazilian everyday environments.

Keywords: Bars. Social relationships. Youth. Brasilia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: Mapa de Brasília	26
Figura 2: Mapa das linhas do Metrô.....	29
Figura 3: Fluxos da população do Distrito Federal	31
Figura 4: Copos.....	45
Figura 5: Pizza.....	46
Figura 6: Pinguim	46
Figura 7: Área da UnB e a sua proximidade com as quadras da Asa Norte.....	50
Figura 8 – Panfleto que convida para o evento “Marcha da Maconha Brasília 2018	72

Fotografias

Fotografia 1: Candangos em Brasília (1959).	12
Fotografia 2: Candangos em destaque (1959).....	13
Fotografia 3: Candangos trabalhando em péssimas condições.	14
Fotografia 4: Péssimas condições de trabalho dos candangos.	14
Fotografia 5: Guarda Especial de Brasília (GEB).....	17
Fotografia 6: Arte de David Aires na parede de um dos bares pesquisado do complexo de bares da 408 Norte.....	37
Fotografia 7: Bares na 408 Norte abrindo no sábado a tarde e ocupando espaço ao ar livre.38	
Fotografia 8: Litrão sendo consumido pelo grupo parceiro em um dos bares pesquisados de Taguatinga (notam-se pacotes de tabaco e diário de campo à mesa).	38
Fotografia 9: Espaço de dos bares pesquisados localizados em Taguatinga.....	39
Fotografia 10: Complexo de bares pesquisados na 410 Norte.	40
Fotografia 11: Complexo de bares pesquisados na 410 Norte em outro ângulo.....	41
Fotografia 12: Consumo de cerveja e tabaco em um bar da 410 Norte	42

Quadros

Quadro 1: Lei e data de criação das Regiões Administrativas – Distrito Federal	20
Quadro 2: Distrito Federal por Regiões Administrativas segundo as faixas de Renda Per Capita Mensal – 2004.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DF	Distrito Federal
GEB	Guarda Especial de Brasília
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JK	Juscelino Kubitschek
LENAD	Levantamento Nacional de Álcool e Drogas
NOVACAP	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
PNCT	Política Nacional de Controle do Tabaco
RAs	Regiões Administrativas
SM	Salário Mínimo
TERRACAP	Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	v
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	vii
1 HISTÓRICO DE BRASÍLIA	10
Da promessa à correria: os candangos como atores centrais	10
A lógica exclusiva de distribuição das terras	18
2 O PROJETO E A VIDA BRASILIENSES	21
A segregação e os efeitos da exclusão social	25
3 “SE NÃO TEM MAR, VAMOS PRO BAR”: APROXIMAÇÕES AOS BARES PESQUISADOS	32
Espaços alternativos e subversivos	32
Encontros e comunicações subversivas	34
Reinterpretações dos espaços de Brasília a partir das subjetividades dos brasilienses.....	35
Registros fotográficos	36
4 METODOLOGIA.....	42
Ser afetado versão ética	42
Instrumentos metodológicos	51
Formulário <i>online</i>	52
5 EXPOSIÇÃO DAS VIVÊNCIAS DE CAMPO.....	59
Encontrar pessoas ou “socializar”	59
Conversar ou “colocar o papo em dia”	62
“Distrair”, “desestressar”, “relaxar”, “espairecer” ou “descontrair”	64
Consumir drogas ou “beber breja”, “fumar um tabaquinho”, um “cigas” ou “um baseadinho”	65
Discussão.....	66
Vivências em campo	71
“Ultimamente”, debater política	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
7 REFERÊNCIAS	87

1 HISTÓRICO DE BRASÍLIA

Da promessa à correria: os candangos como atores centrais

Não foi o Presidente Juscelino Kubitschek (JK) quem primeiramente pensou na transferência da capital do Brasil. O local da nova sede do governo da República Federativa – o Planalto Central –, já estava previsto desde a Constituição de 1891 (BEÚ, 2006; IBGE, 2010). Na verdade, o Plano de Metas de JK – suas principais propostas de governo – não apresentava em nenhum de seus trinta pontos a construção de Brasília. Edson Beú (2006, p. 161) afirma que a promessa ousada de criação da nova capital surgiu no meio de uma campanha, no ano de 1955, em um comício improvisado na pequena cidade de Jataí, no interior do Goiás, “em cima da carroceria de um caminhão, no interior de um barracão” por causa de uma tremenda chuva que caía. JK teria sido desafiado por um dos moradores que acompanhavam o evento. A pergunta foi mais ou menos: o senhor se dispõe a cumprir inteiramente a Constituição, então irá transferir a capital da República para o Planalto Central? E a surpreendente resposta foi mais ou menos: Acabo de prometer que irei.

Em 1957, JK “sancionou a Lei que marcava, em 21 de abril de 1960, a transferência da Capital da União para o novo Distrito Federal” (CODEPLAN, 2016, p. 19). Somente pelo curto período de tempo entre esses dois anos já se imagina a correria com que a cidade fora levantada. Migrantes de todo o País, principalmente das regiões Nordeste e Sudeste (IBGE, 2010, p. 132), vieram para a “Terra Prometida” (BEÚ, 2006, p. 11), “confiantes em certa estabilidade de vida e na possibilidade de realizar algum projeto familiar” (PAVIANI, 1996, p. 56). Os candangos¹ eram, em sua maioria, “trabalhadores rurais empobrecidos ou mesmo sem-terra” (IBGE, 2010, p. 132). No Sertão Nordestino houve, em 1958, uma grande seca que influenciou diretamente no fluxo predominante de migração para a construção da nova capital (PAVIANI, 1996, p. 60).

Em julho de 1957, a Contagem Populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizada em todo o território do Distrito Federal (DF) estimou uma população de 12.283 pessoas. Em março de 1958, o número saltou para 28.804. O censo experimental realizado em 1959 pelo mesmo Instituto (IBGE, 2010, p. 127-128) revelou que

¹ Esse termo tinha, inicialmente, caráter depreciativo, pois se referia aos migrantes nordestinos que foram abrigados às pressas em Taguatinga (IBGE, 2010, p. 132). A palavra tem origem angolana e é advinda da escravidão, sendo utilizada em algumas regiões do Brasil para se referir “às pessoas pobres e que praticavam a agricultura itinerante no interior do País (sertão)”. Mais tarde, o termo se estendeu para toda pessoa que trabalhava na construção de Brasília, revertendo seu sentido depreciativo para algo empossado de orgulho.

em maio desse ano a população ascendeu para 64.314, sendo 192,6 homens para cada 100 mulheres. O crescimento demográfico era intenso e o ritmo das obras mais intenso ainda: “O fuso horário dos candangos estava ajustado pelo dia 21 de abril de 1960, data da inauguração da capital. Relógio ali servia apenas para marcar o número de horas extras.” (BEÚ, 2006, p. 30). Além do mais, as condições de trabalho que os candangos enfrentavam eram miseráveis.

As fotografias a seguir foram retiradas dos sites do Arquivo Público do Distrito Federal e do Memorial da Democracia². A fotografia 1 e a fotografia 2 retratam candangos que chegavam a Brasília em janeiro de 1959 para trabalhar; a terceira e quarta fotografias são de candangos trabalhando na construção de Brasília em péssimas condições.

² Arquivo Público do DF: <<http://www.arpdf.df.gov.br>>. Acesso em: 18 dez. 2018. Memorial da Democracia: <<http://memorialdademocracia.com.br>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Fotografia 1: Candangos em Brasília (1959).



Fonte: Arquivo Público do DF: <<http://www.arpdf.df.gov.br>>.

Fotografia 2: Candangos em destaque (1959).

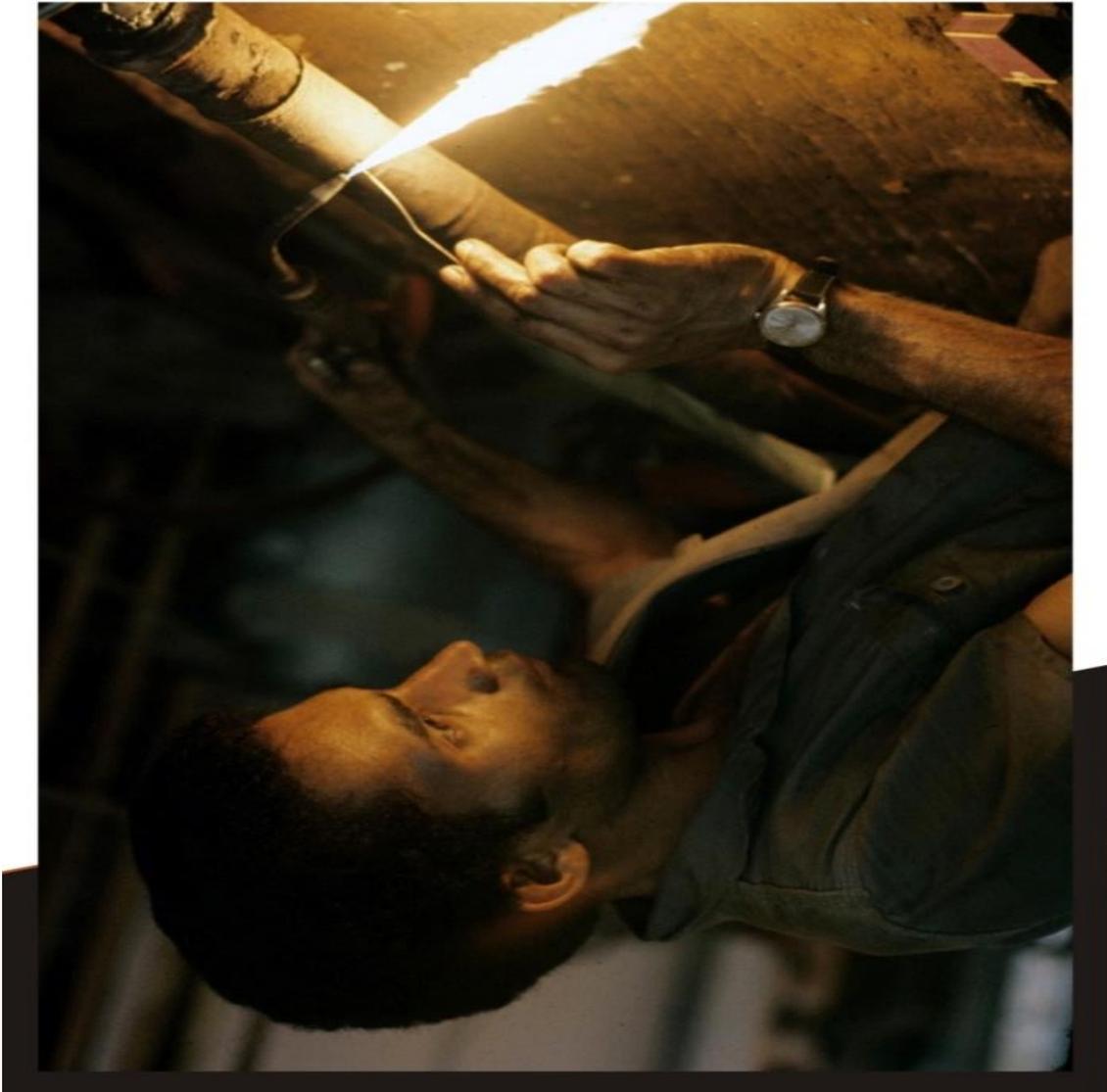


Fonte: Arquivo Público do DF: <<http://www.arpdf.df.gov.br>>

Fotografia 3: Candangos trabalhando em péssimas condições.

Segundo relatos orais, as condições de segurança no canteiro de obras eram precárias. Os operários trabalhavam sem luvas, capacetes, cordas de segurança e outros materiais necessários. Esta condição de trabalho provocava constantemente acidentes.

Brasília, 1957-1959
FOME: FOMI/NDV/CAP/ARPDF



Fonte: Arquivo Público do DF: <<http://www.arpdf.df.gov.br>>

Fotografia 4: Píssimas condições de trabalho dos candangos.

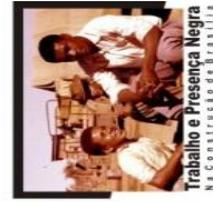


Aeroporto, 1956-1960
Fonte: Foto NOVACAP/ARPDF

Cidade Livre, Brasília, 1956-1960
Fonte: Foto NOVACAP/ARPDF



Fonte: Arquivo Público do DF: <<http://www.arpdf.df.gov.br>>



Trabalho e Presença Negra
na Construção de Brasília

O território da nova capital ainda vivia em um “limbo jurídico” (BEÚ, 2006, p. 49), o que abria margem para que às instituições que administravam o lugar fossem delegados “superpoderes”. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), criada para administrar o início das obras, fazia “vistas grossas à legislação trabalhista” e cometia a “prática de excessos, pois, sem fiscalização para coibir abusos, quase tudo era permitido em nome da viabilização do projeto” (BEÚ, 2006, p. 50). Ademais, existiam também as empreiteiras clandestinas, que tinham custos menores por não assinar as carteiras de trabalho e, por isso, pagavam mais aos operários e permitiam que estes realizassem quantas horas extras quisessem. Os peões lidavam com as péssimas condições e os abusos, seduzidos pela oportunidade de ganhar mais. O Congresso Nacional, conhecido na época como o “vinte e oito”, tem em sua história inúmeros acidentes e mortes: “Impossível saber a quantidade de trabalhadores que havia caído de lá, pois nem às empreiteiras nem ao governo interessava fazer essas contas, muito menos divulga-las” (BEÚ, 2006, p. 52).

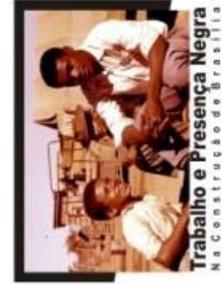
Segurança no trabalho era letra morta, um conceito maldito pelos empregadores, por representar custos, e completamente ignorado pelas autoridades, mais preocupadas com o cronograma das obras. Não havia cintos, botas, luvas, capacetes. – Capacete era a cabeça da gente – lembravam-se os peões. As levadas de migrantes, a maioria procedente da zona rural, iam para as construções do jeito que chegavam. Às vezes, com um simples par de chinelas agarradas nos pés; no máximo, botinas, e um surrado chapéu de palha, ou de couro, se nordestinos. (BEÚ, 2006, p. 49).

Dentre as instituições “superpoderosas”, havia a Guarda Especial de Brasília (GEB), criada pelo governo para cuidar do policiamento da região.

Fotografia 5: Guarda Especial de Brasília (GEB).

A GEB não agia certo, era muito rigorosa com os pioneiros, com os trabalhadores. Eles prendiam, batiam, matavam. O problema que teve na Pacheco era da minha época. Eles mataram muita gente, foram lá para prender e metralharam um quarto onde eles dormiam e morreram diversos, jogaram no caminhão que ninguém sabe onde é que enterraram. Falam que eles enterraram em Planaltina. O acampamento era perto da EBE, a Rabelo ficava de cá e a Pacheco Fernandes era vizinha dela, e foi assim que eles atacaram a Pacheco Fernandes e mataram os peões. O motivo, coisa simples, não tem! Explicar porque mataram, eles não contam... não sei porque, sei só que foi briga deles entre os companheiros e a GEB quando estavam dormindo e metralharam.

Durval Brittanourt, Depoimento - Programa de História Oral, Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000.



Fonte: Arquivo Público do DF: <<http://www.arpdf.df.gov.br>>

Para trabalhar na GEB, bastava ser “cabra macho, valentão” (BEÚ, 2006, p. 57), não havia nenhum tipo de seleção mais estruturada. No dia 08 de fevereiro de 1959, época de Carnaval, houve episódio que transpareceu tamanho excesso dos “gebianos” contra os candangos (BEÚ, 2006, p. 69). Há tempos que a construtora Pacheco Fernandes oferecia uma

comida deplorável e estragada aos seus operários. Ainda, a construtora propositalmente atrasou salários, com o objetivo de que ninguém fosse festejar o Carnaval. Nesse dia, a comida estava especialmente podre e os operários se irritaram. Teve quebra-quebra entre operários e gebianos, mas os primeiros estavam em maior quantidade e conseguiram se defender. O conflito se encerrou com os gebianos indo embora do local. Tarde da noite, no mesmo dia, os operários dormiam no acampamento quando caminhões cheios de gebianos com armamento reforçado chegaram. Desceram dando tiros para todos os lados. Saíram com os caminhões cheios de corpos sem vida e empilhados. Não se sabe até hoje o número de mortos, tudo foi escondido e desmentido pela GEB, pelas autoridades e pelos sobreviventes, estes com medo de que, se “abrissem a boca”, poderiam ser também mortos.

A lógica exclusiva de distribuição das terras

Segundo Santos (2016), Brasília é fruto de uma contradição entre o projeto original de Lúcio Costa e a propaganda de JK. Enquanto o primeiro previa uma capital de serviço “monofuncional”, voltado exclusivamente à administração federal, indo contra o fenômeno da metropolização; a segunda criava um discurso exagerado e intenso que ressaltava tendências “nacional-desenvolvimentistas” e vontade de construção de uma grande metrópole. Portanto, Brasília nunca fora projetada para ser metrópole e abrigar muita gente, mas a propaganda fervorosa do Estado fez com que milhares de brasileiros que viviam em más condições de vida viessem para a nova capital na tentativa de ter uma vida melhor. Em 1970, a cidade já ultrapassava “as metas do planejamento inicial que previam uma população de 600 mil habitantes no ano de 2000” (IBGE, 2010, p. 135). O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), apresenta população brasiliense de 2.570.160 pessoas e a população estimada pelo mesmo Instituto em 2018 é de 2.974.703 pessoas³.

O Plano Urbanístico de Brasília previa o Plano Piloto, as Regiões Administrativas (RAs) e as cidades satélites, essas últimas como núcleos habitacionais periféricos às RAs (CODEPLAN, 2016). Porém, isso foi impossível de seguir devido ao fato de que a população de candangos era muita e veio para ficar – pressupôs-se erroneamente que os trabalhadores viriam para construir a nova capital e voltariam às suas cidades de origem. Sendo assim, houve conseqüentemente uma “distorção no plano urbanístico” de Brasília

³ IBGE: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/panorama>>. Acesso em: 10 out. 2018.

O crescimento da cidade é que ocorreu de forma anômala. Houve uma inversão que todos conhecem, porque o plano estabelecido era para que Brasília se mantivesse dentro dos limites para os quais foi planejada, de 500 a 700 mil habitantes. Ao aproximar-se desses limites, então, é que seriam planejadas as cidades-satélites, para que essas se expandissem ordenadamente, racionalmente projetadas, arquitetonicamente definidas. Esse era o plano proposto. Mas ocorreu a *inversão*, porque a população a que nos referimos (os candangos) aqui ficou, e surgiu o problema de onde localizá-la (...). Daí a criação dos núcleos periféricos, para transferir as populações, dando terreno para que se instalassem de uma forma ou de outra. Como consequência, os núcleos transformam-se em verdadeiras cidades, as chamadas cidades-satélites, que tomaram o lugar das cidades-satélites que deveriam ocorrer. Assim, as cidades-satélites anteciparam-se à cidade inconclusa, cidade ainda arquipélago, como estava – agora já mais adensada mas ainda não-concluída. A cidade ainda está oca. Entretanto, dois terços da população de Brasília moram nessa periferia, o que foi, naturalmente, desvirtuamento. (COSTA, 1974, p. 26 apud PAVIANI, 1996, p. 60).

Esse problema relacionou-se ao fato das invasões de terreno. No final dos anos 1950, houve proliferação de favelas localizadas próximas aos principais núcleos urbanos (PAVIANI, 1996). No entanto, esse fato não era praticado somente por trabalhadores miseráveis: as invasões aconteciam no terreno da nova Capital antes mesmo dela ser inaugurada (BEÚ, 2006, p. 148). Porém, desde o início, o problema em questão foi tratado de forma diferente dependendo de quem fosse o invasor. A invasão de pobres próxima ao Plano Piloto era mais grave, pois “desde o início foram pensadas as cidades-satélites como áreas urbanas segregadas do núcleo central (Plano Piloto), onde deveriam habitar os segmentos sociais mais pobres” (PAVIANI, 1996, p. 60). Por isso, as primeiras cidades-satélites são criadas para realocar para longe os contingentes de proletários que estavam se fixando em solo próximo ao Plano Piloto. Esse é o caso de Taguatinga, por exemplo: “A criação da primeira cidade-satélite parece estar envolta em certo medo das elites diante da possibilidade de construir uma nova capital ‘rodeada por um anel de cabanas proletárias’” (EPSTEIN, 1973 apud PAVIANI, 1996, p. 64).

A Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal (Terracap)⁴ fora criada em 1972 para executar “atividades imobiliárias do interesse do Distrito Federal”, mas as fiscalizações não eram aplicadas de forma igual para todos. Desse modo, formou-se em Brasília uma grande e exitosa “indústria da invasão de terras”, com parceria corrupta firmada entre políticos e grileiros, a qual persiste e produz consequências até os dias de hoje, permitindo e fortalecendo a segregação geográfica e social, que será tratada ao longo deste trabalho.

Assim, sendo o Estado possuidor e administrador das terras de Brasília, estruturou-se a partir dele, enquanto a cidade crescia e se desenvolvia, uma “lógica de uso da terra”, garantindo “espaços distintos para habitação de diferentes setores sociais” (SANTOS, 2016, p.

⁴ Site da Terracap: <<http://www.terracap.df.gov.br/institucional/a-terracap>>. Acesso em: 10 out. 2018.

29). Beú (2006, p. 164) confirma o feito: “Ironicamente, o trabalho atuava como um dos fatores de marginalização dos operários. Porque, à medida que a capital ia ocupando seus espaços, eles eram empurrados cada vez mais para a periferia”. Os candangos foram empurrados para os núcleos habitacionais distantes do Plano Piloto, enquanto este recebia somente funcionários públicos e os locais mais próximos ao Plano e ao Lago Paranoá se destinavam às elites. Com o passar do tempo, houve certas mudanças nesse panorama devido à especulação imobiliária, mas a lógica essencial foi preservada, assim como seus efeitos.

À medida que as construções da nova Capital eram realizadas, criaram-se núcleos habitacionais para abrigar os operários que trabalhavam nas obras (CODEPLAN, 2016, p.19). Mais tarde, os núcleos habitacionais foram reconhecidos como cidades satélites e, depois, como Regiões Administrativas. A seguir, encontra-se tabela com a relação das RAs, Leis de Criação e datas de inauguração (CODEPLAN, 2016, p. 20).

Quadro 1: Lei e data de criação das Regiões Administrativas – Distrito Federal

Regiões Administrativas	Lei de Criação	Data
RA I – Brasília/Regiões Administrativas	4.545	10/12/1964
RA II - Gama	4.545	10/12/1964
RA III - Taguatinga	4.545	10/12/1964
RA IV - Brazlândia	4.545	10/12/1964
RA V - Sobradinho	4.545	10/12/1964
RA VI - Planaltina	4.545	10/12/1964
RA VII - Paranoá	4.545	10/12/1964
RA VIII - Núcleo Bandeirante	049	25/10/1989
RA IX - Ceilândia	049	25/10/1989
RA X - Guará	049	25/10/1989
RA XI - Cruzeiro	049	25/10/1989
RA XII - Samambaia	049	25/10/1989
RA XIII - Santa Maria	348	04/11/1992
RA XIV - São Sebastião	467	25/06/1993
RA XV - Recanto das Emas	510	28/07/1993
RA XVI - Lago Sul	643	10/01/1994
RA XVII - Riacho Fundo	620	15/12/1993
RA XVIII - Lago Norte	641	10/01/1994
RA XIX - Candangolândia	658	27/01/1994
RA XX - Águas Claras	3.153	06/05/2003
RA XXI - Riacho Fundo II	3.153	06/05/2003
RA XXII - Sudoeste/Octogonal	3.153	06/05/2003
RA XXIII - Varjão	3.153	06/05/2003
RA XXIV - Park Way	3.255	29/12/2003
RA XXV - SCIA (Estrutural)(1)	3.315	27/01/2004
RA XXVI - Sobradinho II	3.314	27/01/2004
RA XXVII - Jardim Botânico	3.435	31/08/2004
RA XXVIII - Itapoã	3.527	03/01/2005
RA XXIX - SIA(2)	3.618	14/07/2005
RA XXX - Vicente Pires	4.327	26/05/2009
RA XXXI - Fercal	4.745	29/01/2012

Fonte: Diário Oficial do Distrito Federal - DODF - Dados elaborados pela Codeplan

Nota: (1) SCIA - Setor Complementar de Indústria e Abastecimento - inclui a Vila Estrutural

(2) SIA - Setor de Indústria e Abastecimento

Cada RA tem uma história muito particular que se relaciona com a lógica exclusiva de distribuição de terras praticada pelo Estado. Por exemplo, analisando mais especificamente a história de criação das atuais RAs Taguatinga, Gama e Sobradinho, observa-se que o motivo de suas criações foi basicamente frear as invasões de operários nos lugares próximos ao Plano Piloto (SANTOS, 2016). Isso é constatado pelo fato de que as três são localizadas há pelo menos 20 km de distância do Plano. Enquanto isso, na mesma época de suas criações foram feitas alterações no projeto original da nova capital, prevendo a criação de setores residenciais ao redor do “Plano”: Lago Sul, Lago Norte e Park Way, atualmente reconhecidas RAs.

Essa lógica exclusiva do uso da terra perdurou por meio de estratégias como regras de contrato – feitas novamente pelo próprio Estado, através da Novacap – as quais dificultavam o acesso de classes menos abastadas aos bairros e ao Plano Piloto; dificuldade de deslocamento, devido principalmente à prioridade que o projeto original deu ao transporte de carro e à má qualidade e distribuição do transporte público; e, sobretudo, criação de uma via intitulada Estrada Parque Contorno (EPCT) (SANTOS, 2016). O “Contorno” se trata de um anel demarcado e físico que serviria para proteger a Bacia do Paranoá. No entanto, Taguatinga, Gama e Sobradinho foram construídos fora do anel, sob a justificativa da preservação ambiental, enquanto Lago Sul, Lago Norte e Park Way foram instalados dentro do anel – inclusive, os primeiros dois ficam nas margens do Lago Paranoá. As indicações de Santos (2016) são de que a via foi outra alteração do projeto original. A disparidade de condições estruturais entre os dois grupos de RAs sempre foi gritante desde as suas construções, o que permanece até hoje. Permanecem também os efeitos desse processo de exclusão social realizado pelo Estado por meio, principalmente, do controle de terras.

2 O PROJETO E A VIDA BRASILIENSES

Brasília nasceu de um projeto modernista que considerou vários pressupostos da Carta de Atenas, documento criado em 1933 por pensadores urbanistas e arquitetos racionalistas para fundar “as condições espaciais – e em decorrência destas, também sociais e culturais – apropriadas à justa consolidação da modernidade emergente” (SILVA, 2008, p. 40). Dentre esses pressupostos, estão:

A obrigatoriedade do planejamento regional e intra-urbano, a submissão da propriedade privada do solo urbano aos interesses coletivos, a industrialização dos componentes e a padronização das construções, a limitação do tamanho e da densidade das cidades, a edificação concentrada porém adequadamente relacionada

com amplas áreas de vegetação [...], o zoneamento funcional, a separação da circulação de veículos e pedestres, a eliminação da rua-corredor e uma estética geometrizar [..]. (SCHERER, 1993, n. p, apud SILVA. 2008, p. 40)

Sendo assim, trata-se de uma “cidade cujo espaço edificado é resultado direto da utopia racionalista de cidade, de sociedade e de nação” (SILVA, 2008, p. 38). Trata-se da primeira cidade moderna reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade (BARRAL, 2012, p. 94). Nesse sentido, “Brasília traz como marca identitária o fato de ser uma cidade planejada, desenhada para um uso racional do espaço.” (BARRAL, 2012, p. 29)

Com base no uso racional do espaço, Lúcio Costa projetou Brasília para ser setorizada. Essa setorização determinou-se por uma linha funcional instrumental, ou seja, cada setor da cidade teria uma função específica, um serviço localizado a oferecer ao cidadão: “A setorialização das atividades consiste em sua proposta mais radical: cada coisa em seu lugar – escolas, indústrias gráficas, rádio e televisão, bancos, residências, hospitais, clubes, diversões” (BARRAL, 2012, p. 29). Esse modelo permaneceu de certa forma, institucionalmente, por exemplo. Até hoje a cidade é dividida espacialmente em setores bancários, comerciais, hoteleiros, de indústrias gráficas, entre outros. No entanto, com o crescimento e desenvolvimento de Brasília, a realidade não se enquadrou totalmente no modelo planejado. No caso do Setor de Diversões, este não é comumente frequentado hoje por quem procura diversão. Barral (2012) aborda a formação espontânea de espaços de lazer e as sociabilidades que emergem nesse processo, mais especificamente em questão dos estabelecimentos comerciais denominados bares:

Não há um setor de bares, e no setor de diversões existem poucos bares. Mas eles estão por todas as quadras comerciais da cidade. No início não era assim, eles eram poucos, mas foram ocupando outros espaços planejados e os vazios de Brasília (BARRAL, 2012, p. 28).

Mais adiante a setorização e a manifestação espacial de vontades subjetivas serão tratadas com maior profundidade.

Outra característica muito peculiar de Brasília é a preferência por longas vias interligando as diferentes partes da cidade que se distam por grandes distâncias. O desenho do Plano Piloto é formado, principalmente, por dois eixos simétricos que se cruzam na Rodoviária do Plano Piloto: o Eixo Monumental e o Eixo Rodoviário – “Eixão”. Toda a área sul que o Eixão percorre é nomeada Asa Sul, enquanto o outro lado é Asa Norte.

Do extremo de uma Asa ao extremo de outra há 15 km; a interseção central da cidade (rodoviária do Plano Piloto) dista 7 km de cada uma das pontas de asa, cerca de 30 km do Lago Sul, de 20 km do Lago Norte, e aproximadamente 7 km do terminal rodoviário do Cruzeiro Velho (CODEPLAN, 1997, apud SILVA, 2008, p. 51).

As Regiões Administrativas, que surgiram fora do Plano Piloto chegam a distar até 52 km desse.

Com distâncias tão grandes separando objetivamente Plano Piloto, Regiões Administrativas, Setores – espaços de concentrações sociais pontualmente determinados e espacialmente segregados –, a rua é praticamente espaço para carros. Silva (2008) aborda a abolição da rua em Brasília, no sentido da influência que a organização espacial faz na vivência urbana. A rua no sentido dos encontros espontâneos, das relações diversificadas, das manifestações artísticas e culturais, do flâneur despreocupado, da heterogeneidade das relações, das efervescências sociais e culturais – essa rua é reprimida desde o projeto da cidade. Não é que tal rua não exista em Brasília, mas ela toma lugar em espaços mais ou menos improvisados, alternativos e subversivos, fugindo ao modelo estabelecido pelo projeto da nova capital. Além das distâncias que já dificultam a exploração de Brasília sem ser por locomoção automotiva, a lógica racionalista na organização da arquitetura e do espaço também influencia subjetivamente os indivíduos: “É possível caminhar por Brasília, sem dúvida. Mas por que caminhar ociosamente em um espaço que convida tão explicitamente à objetividade?” (SILVA, 2008, p. 50).

Mais uma autenticidade de Brasília é o fato de que ela não foi planejada para ter um centro. A autora já citada, a partir de entrevistas com moradores de Brasília, concluiu que esses não possuem uma ideia unificada do que seja o centro da cidade. Alguns respondem que esse seja o conjunto da Rodoviária do Plano Piloto, Conjunto Nacional e CONIC⁵, outros afirmam serem os Setores Bancários Sul e Norte, ou os Setores Comerciais Sul e Norte, e ainda há aqueles que consideram todo o Plano Piloto o centro. Acontece que, para responder a essa questão, os entrevistados recorrem às referências de centro que possuem a partir de experiências pessoais, pois realmente não há um centro oficial. Pude confirmar essa confusão e incerteza resultantes da divergência de pensamentos a respeito do centro de Brasília. Questionei em grupo no WhatsApp, do qual fazem parte alguns colaboradores do diário de campo compartilhado da pesquisa etnográfica realizada para este trabalho, a seguinte questão: o que você considera o

⁵ Conjunto Nacional é um shopping e o CONIC é oficialmente o Setor de Diversões Sul. Ambos se localizam perto da Rodoviária.

centro de Brasília? Houve divergências de opiniões, assim como Silva (2008) constatou entre seus entrevistados. Uma das respostas, enviada por áudio, foi:

Assim, é complicado, porque Brasília é muito pequena, né? Eu acho que o centro é realmente o centro ali, é... Assim, mas... É por ter a Rodoviária também, que é um centro de movimentação e tal, o *shopping*... Mas, também a Asa Norte e a Asa Sul eu acho que... é complicado isso, né? Como é que faz? Porque aonde tem bares e restaurantes é pelas Asas... Então, é meio complicado o conceito de centro em Brasília, porque Brasília é um “negocinho” que não tem quase nada (ANÔNIMO, 2018).

Ainda, houve pequena discussão: uma pessoa respondeu ser o centro as Asas Sul e Norte e outra pessoa, formada em Arquitetura – e por isso demonstrando-se mais entendida do assunto –, o corrigiu afirmando ser o centro “exatamente nas redondezas da Rodoviária. Asa Sul e Norte é o Plano, o centro é o Setor Hoteleiro e Comercial”. A pessoa que respondeu em áudio transcrito acima entrou na discussão: “Acho que a Isabela tá perguntando do centro em relação às outras cidades, né? Aqui não rola de levar a galera de fora na Rodoviária e Setor Hoteleiro, não vai ser massa. Pergunta difícil.”. Assim, percebe-se que as respostas têm bases em critérios muito diferentes, pois enquanto uma pessoa considera o critério de vida social agitada, outra considera mais a literalidade do ponto central no projeto do Plano Piloto e outra leva em conta todo o Plano Piloto como sendo central em relação às outras RA’s de Brasília.

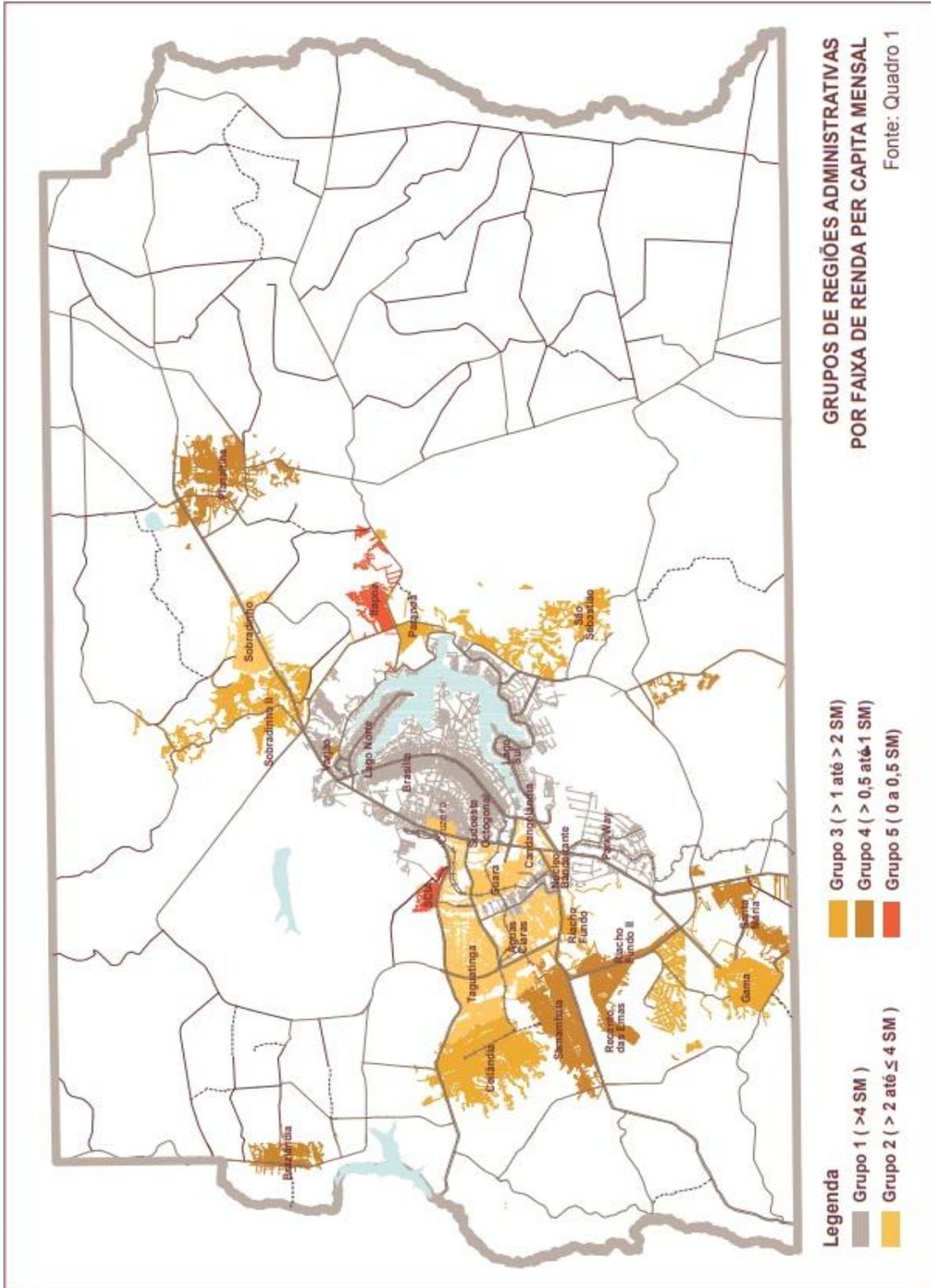
Portanto, são características essenciais de Brasília a setorização, as grandes distâncias, a locomoção por carro, a falta de centro, a segregação espacial, a eliminação da rua e a padronização estética. Essa cidade foi planejada para evitar a efervescência social, a mistura, a pluralidade das relações e a espontaneidade dos acontecimentos e dos espaços. Foi projetada numa forma de “lego”⁶, para que as coisas e pessoas ficassem cada quais em seus lugares esteticamente geométricos e simétricos, movimentando-se na cidade e relacionando-se especialmente em razão do trabalho e do estudo. Vários são os efeitos sociais e subjetivos que persistem e se desenvolvem até hoje a partir da realização desse projeto, tais quais se expressam na forma de vida e sociabilidade em Brasília. Silva (2008, p. 37) chama atenção para algumas manifestações que expressam os efeitos dessas características na sociedade: sentimento de solidão e exclusão social, segregação espacial de diferentes classes, dificuldade de formação de identidade e identificação socioespacial e falta de efervescência social.

⁶ Trata-se de uma marca de brinquedos que consistem basicamente em blocos plásticos geométricos de encaixe. Utiliza-se dessa metáfora para comparar as definições arquitetônicas e urbanísticas do projeto de Brasília com as características do brinquedo.

A segregação e os efeitos da exclusão social

Em Brasília, o sentimento de exclusão social está intimamente relacionado à segregação espacial das funções e das pessoas. A seguir encontra-se o mapa de Brasília feito pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN) (2007) – para analisar a faixa de renda per capita mensal por Região Administrativa e tabela contendo a relação das RAs e dos Grupos definidos pela faixa de renda. A partir desse mapa, vale refletir sobre como a segregação em Brasília é influenciada pela condição econômica.

Figura 1: Mapa de Brasília



Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), 2007.

Quadro 2: Distrito Federal por Regiões Administrativas segundo as faixas de Renda Per Capita Mensal – 2004

Em Salários Mínimos		
Grupos	Regiões Administrativas	Renda per capita
Grupo 1 > 4 SM	RA XVI - Lago Sul	10,8
	RA XXII - Sudoeste/Octogonal	8,6
	RA XVIII - Lago Norte	7,8
	RA I - Brasília	6,8
	RA XXIV - Park Way	4,9
Grupo 2 >2 até ≤ 4 SM	RA X - Guará	3,3
	RA XX - Águas Claras	3,1
	RA XI - Cruzeiro	3,1
	RA III - Taguatinga	2,5
	RA VIII - Núcleo Bandeirante	2,4
	RA V - Sobradinho	2,4
	RA XIX - Candangolândia	2,2
Grupo 3 >1 até ≤ 2SM	RA XXVI - Sobradinho II	1,7
	RA II - Gama	1,6
	RA XVII - Riacho Fundo	1,5
	RA XIV - São Sebastião	1,4
	RA IX - Ceilândia	1,2
	RA VII - Paranoá	1,2
Grupo 4 > 0,5 até 1 SM	RA XII - Samambaia	1,0
	RA XIII - Santa Maria	0,9
	RA XV - Recanto das Emas	0,9
	RA XXI - Riacho Fundo II	0,9
	RA XXIII - Varjão	0,8
	RA IV - Brazlândia	0,8
	RA VI - Planaltina	0,8
Grupo 5 0 a 0,5 SM	RA XXV - Estrutural (SCIA)	0,4
	RA XVIII - Itapoã	0,4

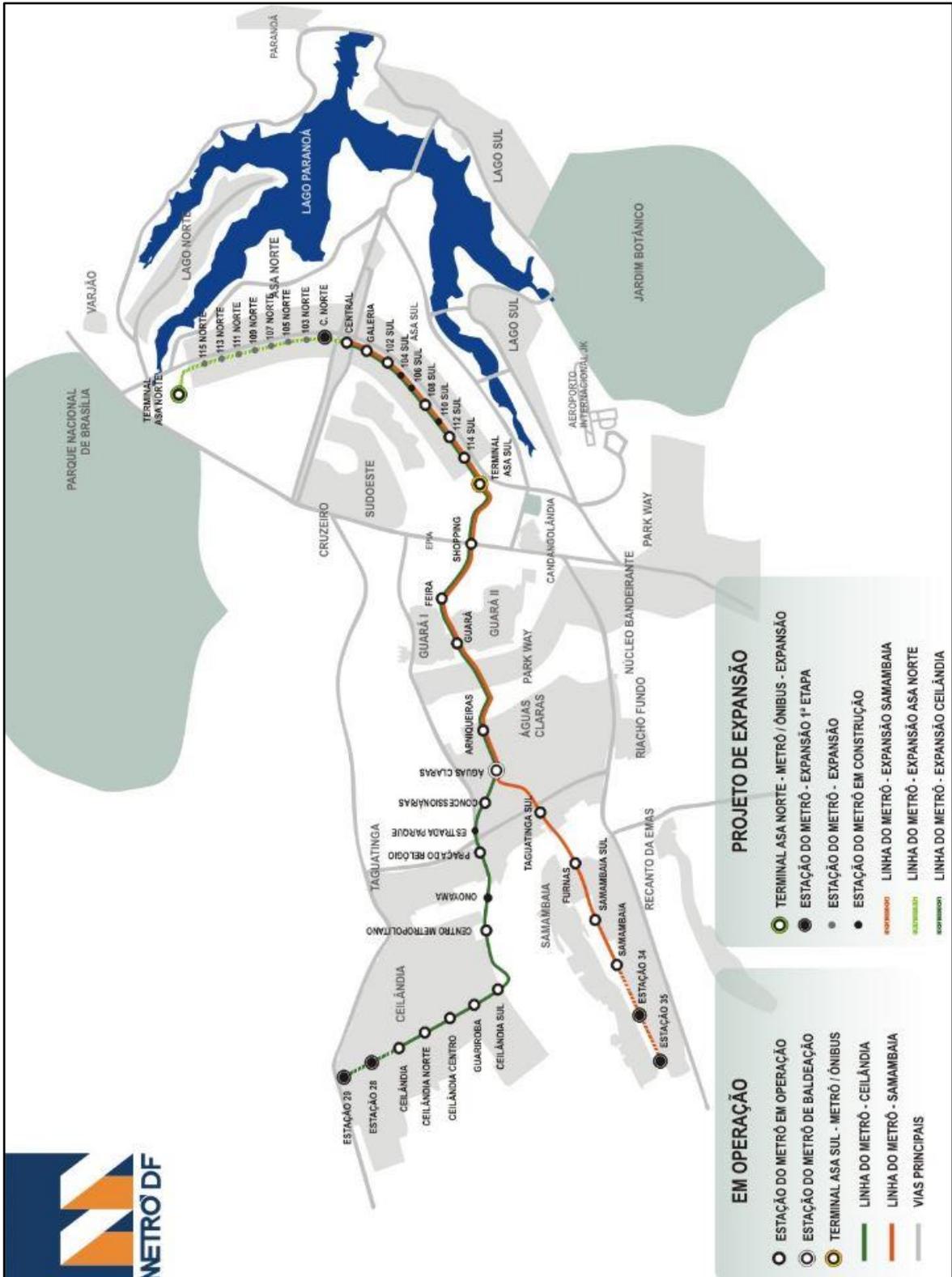
Fonte: Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) – SEPLAN/CODEPLAN, 2004.

A análise foi feita “por classes de rendimento domiciliar mensal per capita em salários mínimos” (CODEPLAN, 2007, p. 10). O Salário Mínimo – SM – na época da pesquisa era de R\$ 260,00. Através desse mapa é possível confirmar o fato da segregação por classe, visto que o Plano Piloto, Lagos Norte e Sul, Sudoeste, Octogonal e Park Way fazem parte do Grupo 1 (> 4 SM), enquanto outras regiões enquadram-se nos Grupos 2, 3, 4 e 5 (< 4 SM). Ressalta-se também o fato de que a maioria da área que as RAs do Grupo 1 ocupam concentra-se ao redor do Lago Paranoá.

A segregação torna-se mais intensa pelo fato de o transporte público ser caro, mal distribuído – o metrô, por exemplo, só possui duas linhas em operação⁷ (Figura 3) –, ter pouca frota de ônibus circulando e metrô fechado a partir de certa hora da noite.

⁷ Mapa verificado no site do Metrô/DF. Disponível em: <http://www.metro.df.gov.br/?page_id=8768>. Acesso em: 3 out. 2018.

Figura 2: Mapa das linhas do Metrô

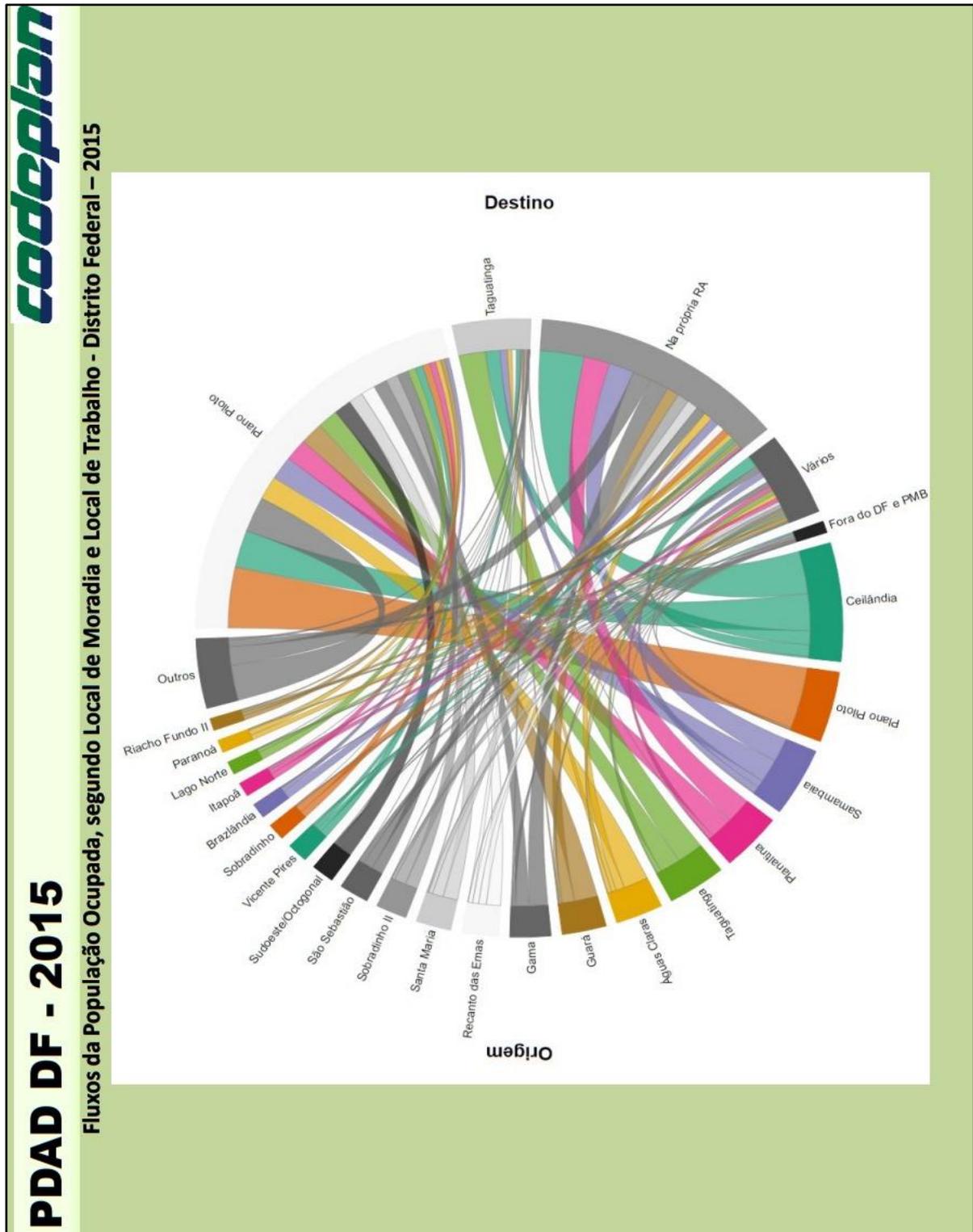


Fonte: Metrô, DF, 2018.

Muita gente depende de transporte coletivo para se locomover e é difícil e subjetivamente desestimulante que pessoas das RAs do Grupo 1, por exemplo, vão para as RAs

dos Grupos 2, 3, 4 e 5 ou vice-versa para encontrar os amigos no bar, como tratarei adiante, ou para procurar trabalho e educação. As pessoas costumam procurar oportunidades de emprego, educação e lazer em localidades mais convenientes para elas, de acordo com os critérios aqui abordados. Trazendo como exemplo o trabalho, analisa-se este critério em mapa (Figura 4) da CODEPLAN (2016) sobre os fluxos da população do Distrito Federal, segundo locais de moradia e de trabalho. Observa-se que os locais de origens da população são de RAs diversas, ao passo que o local de destino é prioritariamente o Plano Piloto e a própria RA da qual se parte.

Figura 3: Fluxos da população do Distrito Federal



Fonte: CODEPLAN, 2016.

Ainda sobre a exclusão social, associa-se a esta o sentimento de não pertença, verificado na modernidade em cidades que possuem espaço urbano totalizante e racionalizado.

A característica totalizante que alimenta nos cidadãos o sentimento de não pertença e exclusão faz com que essas cidades sejam qualificadas, segundo Silva (2008), como não-lugares. A autora defende o conceito de não-lugar para além do seu entendimento como um espaço de trânsito ou fluxo, assim como seriam as rodoviárias e aeroportos: “o não-lugar passaria a ser o espaço que transcende o ‘nosso’, o ‘daqui’, o ‘agora’. Ele seria, assim, o espaço em relação ao qual o ‘eu’ não se reconhece como parte” (SILVA, 2008, p. 52). Então, Brasília inteira seria um não-lugar.

Nesse sentido, volto à ideia de espaços alternativos também apresentada pela autora Silva (2008). Considerando Brasília inteira um não-lugar, no qual as subjetividades e relações espontâneas são reprimidas pela ideia utópica e racionalista do projeto arquitetônico e urbanístico, não se pode, no entanto, simplesmente negar que tais manifestações existam. Elas surgem em espaços mais ou menos improvisados e de forma espontânea. Barral (2012, p. 17), tratando da ocupação de estabelecimentos comerciais na capital, diz que “Brasília foi planejada, desde seu projeto, no sentido de promover as condições ideais de lazer”, porém tal projeto não se fez realidade. Uma das manifestações que comprovam isso é o surgimento, crescimento e popularização contínua de bares, considerados espaços de lazer, em lugares nos quais eles não foram previstos. O que se pode observar a partir desse fenômeno social é que a forma de lazer planejada para que acontecesse em Brasília não satisfaz os moradores da cidade, pois se o fizesse se tornaria concreta. A ideia não satisfaz as subjetividades, que espontaneamente, a partir das relações entre pessoas e espaços, apareceram de forma improvisada e alternativa.

3 “SE NÃO TEM MAR, VAMOS PRO BAR”: APROXIMAÇÕES AOS BARES PESQUISADOS

Espaços alternativos e subversivos

Brasília cresceu de ideias contextualizadas que exaltavam “um mundo econômico instrumentalizado, que circunscreve a vida social em um tal universo de compromissos e preocupações individualistas, mormente centrado no trabalho” (SILVA, 2008, p. 41). Além disso, o projeto da nova capital foi concebido para desenvolver uma cidade

cuja especialidade segrega funções e pessoas, troca um espaço de convívio (rua) por uma função de escoamento (via), dota-se de uma estética padronizada (...) nas

presenças e nas ausências dos elementos materiais e imateriais da vida social (SILVA, 2008, p. 53).

Assim, esse projeto arquitetônico e urbanístico pretendeu nortear a concretude das subjetividades dos cidadãos e as relações desenvolvidas com base nessas subjetividades. Ou seja, intentou-se que a estrutura espacial influenciasse de maneira específica a estrutura social da cidade (BARRAL, 2002). Previu-se que a padronização estética, o espaço totalizante e monumental e as grandes distâncias encerrariam com as possibilidades de diversidade e “mistura” nas relações e nos espaços. Foi intenção do projeto que o lazer em Brasília evitasse agitações e pluralidades.

É verdade que a “carência de diversidade estética” atua “sobre os universos sensorial e sentimental do indivíduo” (SILVA, 2008, p. 54). Para além da estética, em Brasília, observa-se muito do que Simmel (2002) tratou ao explicar sobre as condições psicológicas que toda a vida em metrópole cria nos indivíduos: racionalização e frieza das relações, monetarização e calculismo da vida prática, atitudes de indiferença (blasé). A intenção do projeto permeia até hoje nos sujeitos brasilienses e em suas formas de interpretar os espaços dispostos em Brasília. Como vimos, estudos sobre a capital citam o fato dessa ser uma cidade, no geral, silenciosa, com grandes vazios, fria, centrada no trabalho, padronizada, rígida. Além de estudos, em conversas informais as pessoas que passam por Brasília ou vivem nela também comentam perceber tais efeitos nas relações e nos espaços dessa cidade.

No entanto, é fato também que os cidadãos são atores sociais, ou seja, não são passivos nesse processo, não simplesmente aceitam a imposição subjetiva da estética do projeto e da vida social prevista nesse. Ao passo que a cidade constrói o indivíduo, o indivíduo constrói a cidade nas suas diferentes formas de interpretá-la e modificá-la a partir de suas subjetividades. Silva (2008) cita Win Wenders (1994) para abordar as alternativas que os cidadãos constroem em espaços improvisados e reinterpretados para fugir à homogeneidade, repetitividade e totalização que a vida urbana moderna impõe. Logo, espaços alternativos seriam, segundo a autora:

uma alternativa às práticas sociais instrumentalizadas, ao automatismo espacial moderno, a estéticas autoritárias, aos sentidos condicionados à repetição maquinal ordenada pela razão funcional, ao embrutecimento racionalista da poética espacial. (SILVA, 2008, p. 53)

As possibilidades de espaços alternativos e relações mais plurais e involuntárias surgem da capacidade de reinterpretação dos espaços projetados na cidade pelos sujeitos que nela vivem. Essas reinterpretações feitas pelos atores sociais são maneiras de expansão de suas

subjetividades para o espaço concreto, de forma a modifica-lo e subverte-lo em sua intenção inicial.

Encontros e comunicações subversivas

Vale refletir sobre como os encontros e comunicações entre as pessoas de Brasília são também influenciadas pelas ideias implementadas através do projeto dessa cidade. Importa-se para este trabalho o conceito de encontro apresentado por Goffman (2002, p. 23): “toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros”. Para essa reflexão, toma-se como pilar que os indivíduos geralmente praticam ações com base nos conhecimentos que possuem das regras sociais e de como os outros vão agir dentro dessas regras (BECKER, 2009). Ou seja, os indivíduos agem com base em inferências (GOFFMAN, 2002, p. 13). Tendo consciência de que tais regras dependem de critérios como onde se está e com quem se está, reflete-se que os processos comunicativos entre os indivíduos se desenvolvem numa espécie de “jogo de informação” (GOFFMAN, 2002, p. 17), que Becker exemplifica com o “jogo de xadrez”⁸ : as ações são tomadas por um indivíduo com base em informações prévias a partir das quais se desenha as possíveis impressões e reações que os outros podem ter.

Nesse trabalho foi concluído que os encontros e comunicações brasilienses giram em torno dos fluxos de trabalho/estudo/moradia e, sendo assim, se dão em sua maioria sob as regras sociais conhecidas desses ambientes. A segregação e setorização, a racionalização das relações e as dificuldades de mistura, de pluralidade, são pontos que guiam os indivíduos de Brasília a se encontrarem e se comunicarem de formas mais racionais e repetitivas, menos diversas, pois as regras sociais às quais estão sujeitos assim os norteiam. Isso significa que questões como onde, como, quando e entre quem os encontros e comunicações ocorrem são também influenciadas pelo fato de os brasilienses estarem sujeitos às dificuldades de uma socialização mais plural. Por exemplo, veremos como é raro que moradores do Plano Piloto e RAs próximas se encontrem com moradores de RAs mais distantes, a não ser em relações de trabalho/estudo que coincidem. Nesse sentido, o bar surge como um espaço que permite encontros e comunicações mais diversas, alternativas e subversivas, visto que são espaços com essas características e que possuem regras sociais diferentes das que regem os ambientes contidos nos fluxos os quais os brasilienses estão limitados.

⁸ “BATE PAPO COM HOWARD S. BECKER: PROF. JOÃO MANFIO”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=juGrFtWlaus&t=2112s>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

Os frequentadores de bares possuem perfis diversos e são moradores de diversas RAs de Brasília, mas procuram o bar pelos mesmos motivos, que não têm nada a ver diretamente com trabalho/estudo. Tais motivos se relacionam com as regras sociais que regem esses lugares, ou seja, os frequentadores procuram os bares tendo consciência dos processos comunicativos que poderá desenvolver nesses ambientes. Observou-se nos bares estudados a rua, a mistura, a bagunça, as risadas altas, o barulho, a descontração: características que comumente não estão presentes nos encontros e comunicações de Brasília, por todas as dificuldades impostas e já mencionadas. Os indivíduos em interação nos bares transparecem em suas comunicações verbais e não-verbais⁹ o conhecimento das regras sociais diferentes: demonstram mais espontaneidade, extroversão, falam mais alto, se expressam de forma mais expansiva e calorosa.

Reinterpretações dos espaços de Brasília a partir das subjetividades dos brasilienses

Desde antes da inauguração de Brasília, o bar surgiu como “uma das primeiras formas de lazer” disponível para os sujeitos que estavam nessa cidade¹⁰ (BARRAL, 2012, p. 30). Barral afirma que “em 1956, [...] o então Presidente da República Juscelino Kubitschek almoçava e passava horas” com sua equipe no bar Churrascaria Paranoá, estabelecimento que até hoje existe perto da barragem do Lago Paranoá. O pesquisador também aponta para o surgimento de bares na Vila Planalto, na época da construção da cidade, quando este lugar ainda abrigava os trabalhadores em acampamentos de madeira. Surgiram como humildes “vendinhas”¹¹ no intuito de abastecer os trabalhadores esgotados na ida e na volta da labuta (BARRAL, 2012, p. 32).

Ainda segundo Barral (2012), após a inauguração da capital começaram a surgir bares mais estruturados e os frequentadores passaram a ser sujeitos de classe média e elite – funcionários públicos vindos de metrópoles, com costumes e referências metropolitanas, para habitarem o Plano Piloto. Assim, o autor observa do ponto de vista sociológico uma mudança na função do bar em Brasília, que passa de um espaço de restauração da energia dos trabalhadores na construção da capital, para notável espaço de lazer dos novos moradores. “E nisso aparece um novo imaginário, herdado das elites dos migrantes, particularmente de

⁹ Goffman (2002) explica que as interações entre os indivíduos se dão por duas espécies de comunicação: uma no sentido tradicional, carregada de símbolos verbais; outra no sentido teatral e contextual, de natureza não-verbal, sendo esta considerada menos controlável, mais involuntária.

¹⁰ O autor restringe seu foco de estudo no Plano Piloto, que compreende Asa Sul, Asa Norte, Sudoeste, Cruzeiro, Vila Planalto e Vila Telebrasilândia.

¹¹ Tipo de estabelecimento comercial pequeno e improvisado, que vende de tudo um pouco.

metrópoles do Sudeste e Nordeste brasileiro” (BARRAL, 2012, p. 33). Os bares se multiplicaram no Plano Piloto e em todas as Regiões Administrativas, ocupando espaço físico e social, reconstruindo de forma subversiva a cidade e a sociabilidade.

O movimento de ocupação dos bares na cidade rompe com a ordem estabelecida através do “plano original para o comércio local” em Brasília, mais especificamente aquele localizado nas entre quadras do Plano Piloto. Além da setorização, que no desenho mais geral distribuiria cada coisa em seu lugar, incluído o lazer, o plano específico para o comércio “seria o de uma rede de estabelecimentos diferenciados, de subsistência, abastecimento e apoio à superquadra, aos moradores e habitantes da localidade” (BARRAL, 2012, p. 95). O crescimento de estabelecimentos comerciais como os bares nesses comércios, fora do que estava planejado – o Setor de Diversões – foi um fenômeno de reinterpretação dos espaços físicos pelos cidadãos, reconstruindo esses espaços em contramão a ideia do plano original.

O estabelecimento dos bares em Brasília não foi de nenhuma maneira um projeto, não foi uma invenção na planta da cidade. À medida que ela foi sendo construída, esses lugares começaram a ser inventados. (BARRAL, 2012, p. 28).

Vários são os conflitos que surgem a partir dessa reinterpretação, pois tais espaços físicos estão vinculados às redes de interdependências com a vizinhança e com os indivíduos transitantes. A abertura ao público geral de um comércio que serviria somente para abastecer o público local traz à tona o barulho, a bagunça, a diversidade, a agitação, a ocupação de áreas públicas, enfim, a rua lembrada por Magno (2008). É viável considerar, então, que o crescimento e a apreciação de bares em Brasília trata-se de movimentos subversivos – estão contra a ordem e, por isso, geram atritos, se colocando entre o lúdico e o conflito (BARRAL, 2012).

Registros fotográficos

A seguir, apresento fotos captadas em trabalho de campo por mim e pelos colaboradores que participaram ativamente da pesquisa, com seus registros e observações. O registro fotográfico auxilia na construção mental do espaço e da sociabilidade analisados, a fim de estimular o leitor a realizar um processo de imersão nas experiências compartilhadas adiante.

Fotografia 6: Arte de David Aires na parede de um dos bares pesquisado do complexo de bares da 408 Norte.



Fonte: Grupo parceiro, 05 de abril de 2018.

Fotografia 7: Bares na 408 Norte abrindo no sábado a tarde e ocupando espaço ao ar livre.



Fotografia 8: Litrão sendo consumido pelo grupo parceiro em um dos bares pesquisados de Taguatinga (notam-se pacotes de tabaco e diário de campo à mesa).



Fotografia 9: Espaço de dos bares pesquisados localizados em Taguatinga.



Fonte: Grupo parceiro, 2018.

Percebe-se o espaço interno pequeno e a expansão para o espaço público e ao ar livre. Observa-se também o consumo de cerveja por todas as mesas dispostas. Ainda, repara-se nos apartamentos residenciais logo acima e ao redor do bar.

Fotografia 10: Complexo de bares pesquisados na 410 Norte.



Fonte: Da autora, 2018.

Fotografia 11: Complexo de bares pesquisados na 410 Norte em outro ângulo.



Fonte: Da autora, 2018.

Atenta-se para a proximidade com que os bares se encontram, com mesas e cadeiras dispostas em um mesmo espaço ao ar livre. Notam-se as mesas e cadeiras, todas patrocinadas por uma marca de cerveja nacional, e a divulgação apelativa referente ao preço do litrão. Somente neste complexo há pelo menos 05 bares. O espaço compartilhado por vários bares se reproduz de maneira muito parecida no complexo da 408 Norte, este se diferenciando por conter menos bares num espaço maior. Na 410 norte, ainda há outro complexo de bares que também foi pesquisado, muito semelhante a esse que se apresenta nas fotos.

Fotografia 12: Consumo de cerveja e tabaco em um bar da 410 Norte¹²



Fonte: Da autora, 2018.

4 METODOLOGIA

Ser afetado versão ética

Meu interesse pelo estudo da questão urbana começou em curso de Sociologia do Conflito, no qual fui apresentada ao estudo do desvio através de Howard S. Becker (2009). Lembro que maior parte da turma ficou surpresa com o tema abordado pelo autor – músicos de jazz de casas noturnas e sua relação com o consumo de maconha – e com a linguagem espontânea, franca e leve que compõe sua abordagem. Eu, particularmente, fiquei entusiasmada com o capítulo “Tornando-se um usuário de maconha” pois, identifiquei com muita proximidade as às conclusões expostas pelo autor.

¹² Percebe-se, no pacote de tabaco, o aviso obrigatório de “Este produto causa câncer” junto com o símbolo do Disque Saúde.

Explorei mais sobre os estudos do desvio e suas bases, perpassando Georg Simmel (2002), Norbert Elias (2000) e Goffman (2002) e chamou-me a atenção o Interacionismo e a forma nele elaborada para compreender os fenômenos sociais a partir da relação mútua entre indivíduos/grupos e sociedade, sem um estar revestido de mais poder de influência sobre outro. Pude investigar com mais profundidade esses autores no curso de Sociologia Urbana e, especialmente, lendo Gilberto Velho (1989) percebi a possibilidade de extrair informações valiosas observando microcosmos da vida comum em sociedade. Vida comum se refere às relações cotidianas e recíprocas entre pessoas/grupos comuns e coisas do mundo em seus itinerários e comunicações comuns do dia-a-dia.

Sendo assim, passei a observar com olhar etnográfico o meu próprio cotidiano e notar as minhas próprias relações, itinerários e comunicações. Em minhas frequentes saídas aos bares universitários do DF, localizados nos comércios entre quadras das 408/409 Norte e 410/411 Norte¹³, tornei-me atenta às relações de boteco. Observei certos padrões nos espaços dos bares, nos ambientes, nas pessoas – frequentadores, garçons, vendedores ambulantes – e nos comportamentos. Sensibilizei meu ouvido à solicitação comum de “Traz um litrão!”¹⁴ requerida das mesas aos garçons e meus olhos aos gestos trocados nessa solicitação. Percebi como as representações dos indivíduos brasilienses são diferentes nesses espaços, comparando com as suas representações comuns no dia-a-dia – como se diferem as formas de comunicação, tanto verbal quanto cenicamente (GOFFMAN, 2002). Visualizei-me dentro dessa rede de relações e deixei-me afetar pelas comunicações involuntárias e não intencionais (FAVRET-SAADA, 2005). Percebi que a minha relação com outros sujeitos dos bares se dava de forma espontânea, visto que eu era uma frequentadora, ou seja, eu era um desses sujeitos.

Ainda, compreendi a etnografia como teoria vivida, pois o referencial teórico do qual eu estava revestida era inseparável às minhas observações (PEIRANO, 2008). Tudo que li, principalmente sobre o estudo do desvio, estava presente em minha vivência etnográfica nos bares, me orientando nas formas de ver, ouvir, vincular, interpretar. Ser afetada pela rede de relações específicas dos bares me fez perceber que ali poderia fazer um bom trabalho etnográfico, pois a espontaneidade com que as comunicações se davam entre mim e outros sujeitos me permitia ficar a par de revelações que dificilmente seriam feitas a um indivíduo desconhecido por essa rede. Isso me possibilitou enxergar mais de perto os padrões

¹³ No Plano Piloto, no geral, entre cada duas quadras residenciais há uma via de passagem de automóveis. Cada lado da via possui três blocos de edifícios, os quais em sua maioria são estabelecimentos comerciais, possuindo também pequenos imóveis.

¹⁴ Litrão é o nome popular para a garrafa de 1 litro de cerveja, geralmente consumida nos bares aqui tratados.

supracitados. Descobri a sociabilidade de bar como uma “sociabilidade carregada de carga lúdica, embora as regras e normas da interação estejam presentes” (BARRAL, 2012, p. 19).

O que mais me chamou a atenção foi observar que os bares frequentados por mim e outros colegas com mais ou menos o mesmo perfil que o meu – frequentam ou têm contatos na UnB, jovens em sua maioria, com pensamento político mais voltado à esquerda – são espaços em que os indivíduos interagem de forma involuntária e espontânea, mostrando-se ativos politicamente, pois debatem e expressam suas opiniões sobre uma diversidade de coisas. Essa sociabilidade de bar, que foge às relações com norte no trabalho ou estudo, que foge à homogeneidade, que foge à repetição estética, cotidiana, itinerária e ao autoritarismo institucional, ainda se torna mais interessante em Brasília, cidade na qual, como vimos, desde o seu projeto arquitetônico e urbanístico tentou-se moldar ideal e racionalmente as formas de sociabilidade que seriam desenvolvidas pelos sujeitos citadinos, inclusive em relação ao lazer. A frase de Gilberto Barral (2012) coube muito bem às minhas observações nos bares frequentados: “O bar é o intervalo da sala de aula”¹⁵.

A partir dessas observações mais generalizadas, passei a realizar experiências etnográficas com o objetivo de sondar inicialmente o melhor caminho a percorrer na pesquisa para minha monografia de fim de curso de graduação. Relato uma dessas experiências, na qual quis investigar de modo simples e descontraído no meu próprio grupo de frequentadores um pouco mais a respeito dos comportamentos e subjetividades afetadas pelo tempo no bar e pelo consumo de drogas¹⁶ nesse. No dia 25 de junho de 2017, em uma de nossas saídas comuns a um bar no comércio da quadra 410 Norte, assim que chegamos e ocupamos mesas e cadeiras, distribuí papéis em branco, canetas e lápis de diversas cores. Sem explicar com muitos detalhes, solicitei que cada pessoa desenhasse algum objeto, símbolo, ou qualquer outra coisa simples que observassem ser comum no bar que estávamos. Mais tarde, no auge da saída – quando alguns litrões haviam sido esvaziados, alguns becks¹⁷ haviam sido queimados, a energia do grupo estava agitada e comunicativa – pedi que desenhassem do outro lado da mesma folha a mesma coisa que desenharam antes.

Mesmo que eu não tenha dado instruções mais detalhadas, foi notável que a maioria dos desenhos do depois expôs espontaneamente mais cores e detalhes, como se os autores fizessem uma interpretação subjetiva, em um estado físico e psicológico alterado, de uma

¹⁵ O autor explora mais essa frase no vídeo dirigido por ele, “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BARES E CULPAS”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q70OtUfrpmk>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

¹⁶ Por drogas entendem-se todas as substâncias alteradoras dos estados psicológicos e/ou físicos dos indivíduos.

¹⁷ Apelido popular para designar um cigarro de maconha.

mesma coisa que antes foi retratada de forma tão somente descritiva. Ou então, talvez, em estado alterado tais autores enxergaram as coisas com um olhar diferente. Ou então, reinterpretaram a simplicidade das regras dadas e perceberam que poderiam desenhar com maior liberdade. De qualquer maneira, a experiência mostrou que o tempo no bar e tudo que esse tempo engloba pode influenciar os indivíduos. E o mais interessante: o espaço também sofre influência dos indivíduos, visto que estes podem interpretá-lo de formas diferentes dependendo de seus estados subjetivos. Selecionei três trabalhos que achei mais interessantes e estes se encontram na seguinte imagem.

Figura 4: Copos

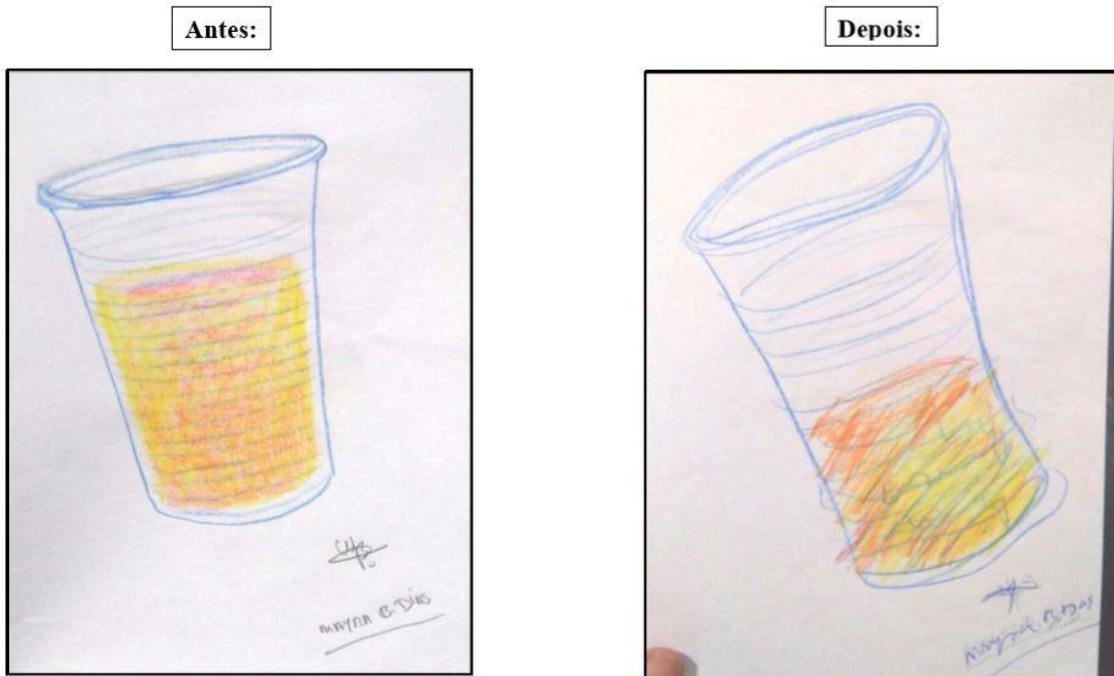
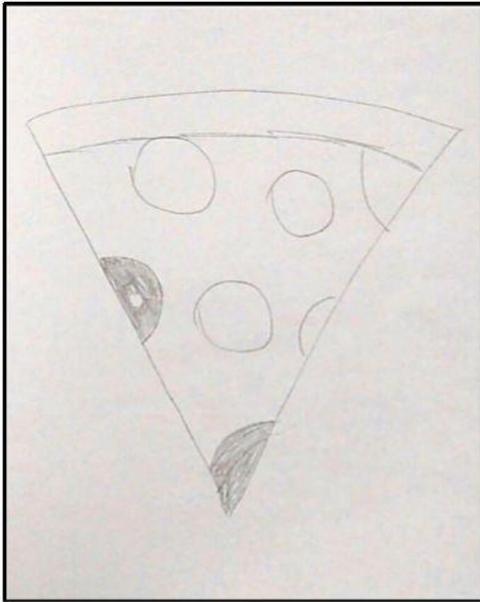


Figura 5: Pizza

Antes:



Depois:

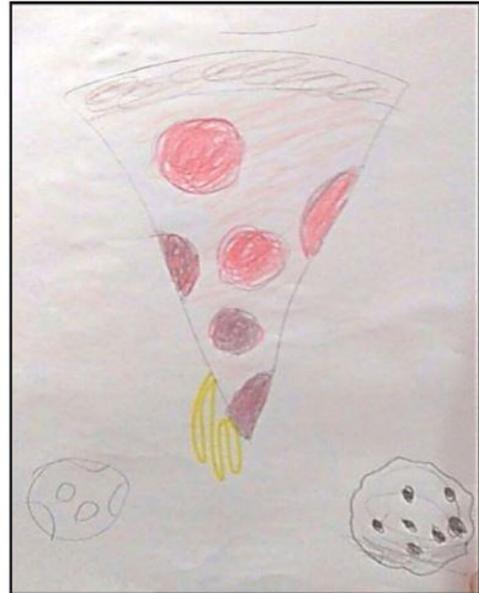


Figura 6: Pinguim

Antes:



Depois:



Dois deles representam símbolos associados à cerveja: são eles um copo de cerveja e um símbolo de uma marca de cerveja nacional (um pinguim). A conclusão é referente à obviedade do estímulo ao consumo dessa bebida alcoólica em especial no espaço do bar. Somente no desenho do símbolo da marca de cerveja, do depois, a autora adicionou referências ao consumo de maconha. O consumo de maconha não é tão estimulado, por ser ilegal e tabunizado. Os frequentadores a consomem com menos ou mais cautela, dependendo de fatores como a localização do bar no DF, a incidência de polícia, a liberdade do bar, entre outros, questões que serão tratadas com mais cautela quando for exposta a pesquisa de campo em si.

Após a realização das experiências etnográficas, formulei um plano para servir de guia numa pesquisa etnográfica mais madura, no qual estabeleci 03 grupos a fim de facilitar as observações e anotações. O estabelecimento dos grupos teve como base os meus exames da rede de relações de boteco e seus principais atores. O grupo que primeiramente me intrigou foi o dos vendedores ambulantes, que fazem seus trajetos de ida e vinda no mesmo horário e com a mesma propaganda quase sempre cômica. São propagandas conhecidas pelos outros personagens nos seus anúncios e tons. Por exemplo, o “Queer ler a soorte?”, anunciado pela senhora cigana que passa entre as mesas oferecendo seu serviço de Tarô. Também, o “[RRRRÉÉÉU¹⁸] Olha o amendoim quentinho!”, anunciado de maneira repentina e engraçada pelo senhor que vende amendoim por “dinheiro, cartão ou cheque especial”.

O segundo grupo a chamar-me a atenção foi o dos garçons. Muitos são conhecidos pelos frequentadores e tornam-se figuras ilustres dos bares, a ponto de representarem um dos motivos da escolha do bar para as pessoas que o frequentam. Possuem personalidades marcantes, demonstram muita agilidade para repor os litrões de tantas mesas e paciência para aguentar os pedidos feitos aos gritos alcoólicos quando o local está com muita gente. Gostam de dar agrados – doses extra de cachaça, litrões a mais, *shots*¹⁹ – para os frequentadores com os quais mais criam intimidade e cuidam com carinho do seu espaço de trabalho. Gostam também de tomar uma cerveja depois do expediente no próprio bar ou em outros, e até mesmo aceitam um copo ou outro oferecido pelos frequentadores durante a labuta.

O terceiro e último grupo que elenquei é o dos frequentadores – e nesse eu me enquadro. Na época, me dei conta de que já fazia um bom tempo, uns três anos, que ia aos mesmos bares com as mesmas pessoas. E pude notar outros frequentadores que, apesar de não os ter tão próximos, eram rostos conhecidos que me acompanhavam indiretamente nessa

¹⁸ Trata-se de onomatopeia para representar o barulho emitido pelo ambulante, que se assemelha a um rosnado de gato.

¹⁹ Doses de bebidas destiladas servidas em copos pequenos. Geralmente são consumidas em um só gole.

jornada espontânea. Comecei a observar as mesmas caras e comportamentos mais ou menos padronizados entre aqueles que ocupam as mesas e pedem litrões.

Enfim, notei as relações desses três grupos entre si, o espaço e as coisas disponíveis nesse: o consumo de drogas, as conversas, os conflitos, as manifestações políticas, as mesas, paredes e portas do bar, rabiscadas, grafitadas ou pichadas, os buracos de cigarros, tabacos e baseados apagados nos pés das cadeiras e mesas. Concordei com Barral (2012) com o fato de que tais relações podem se desenvolver de maneira amigável ou conflituosa. Identifiquei padrões desde o início da minha pesquisa: as estruturas modestas dos espaços dos bares, suas expansões para áreas públicas e abertas, o domínio de jovens entre os frequentadores, o estímulo ao consumo de álcool, as mesas, cadeiras e paredes revestidas de propagandas de cervejas nacionais, o anúncio apelativo do preço do litrão, o conteúdo dos discursos diluídos nas manifestações faladas, desenhadas ou escritas no espaço do bar – uma mistura de críticas políticas, desabafos pessoais e liberdade artística. É possível encontrar desde letras de músicas populares até símbolos anárquicos. Há também a relação desses padrões com o contexto, a partir do qual a interação entre os personagens e o espaço toma rumo peculiar: em época de eleições, viram-se materiais de campanha eleitoral soltos no chão, grudados e amontoados nas mesas e paredes. Em época de Copa do Mundo FIFA, foi feito trabalho decorativo, de forma coletiva, tanto pelos garçons e donos dos bares, quanto pelos frequentadores.

Através desses padrões mais evidentes, formulei um plano-base do método de pesquisa etnográfica, por meio do qual seria possível captar e representar de forma espontânea, transparente e honesta as observações feitas em campo. Esse foi composto por um diário de campo compartilhado, um formulário online e possibilidades audiovisuais – fotografias, vídeos e gravações de áudio. O trabalho de Barral (2012) muito me orientou na metodologia, visto que o autor se baseou também em observação direta a partir de participação espontânea e prolongada nos bares. Ele explica que

A proposta metodológica de uma noção de observação prolongada tem a ver, exatamente, com essa espontaneidade que se alcança ao se deixar absorver pelo objeto de pesquisa. Muitas vezes, foi em meio ao tempo livre, que se pôde encontrar situações, comportamentos e condutas que exigiram do pesquisador uma mudança nas estratégias de pesquisa. (BARRAL, 2012, p.23)

Durante a pesquisa de campo pude concordar com o autor, assim como em sua afirmação de que as possibilidades audiovisuais muito ajudam nesse tipo de etnografia feita nessa cidade em especial – Brasília –, por suas peculiaridades arquitetônicas e urbanísticas já debatidas nesse trabalho.

Elaborado o plano-base do método de pesquisa etnográfica, compartilhei abertamente, em mesa de bar, minha ideia de trabalho final de graduação com o grupo de frequentadores com o qual eu estava frequentando os bares e que participou das experiências etnográficas. Compartilhei pelo motivo de que essas pessoas ficaram entusiasmadas com as experiências etnográficas e as observações feitas. Uma boa forma de aproveitar esse entusiasmo seria através de um trabalho colaborativo pelo qual, a partir do plano metodológico desenvolvido por mim, o grupo de frequentadores participaria voluntariamente das observações nos bares. O grupo concordou com a ideia e topou participar ativamente.

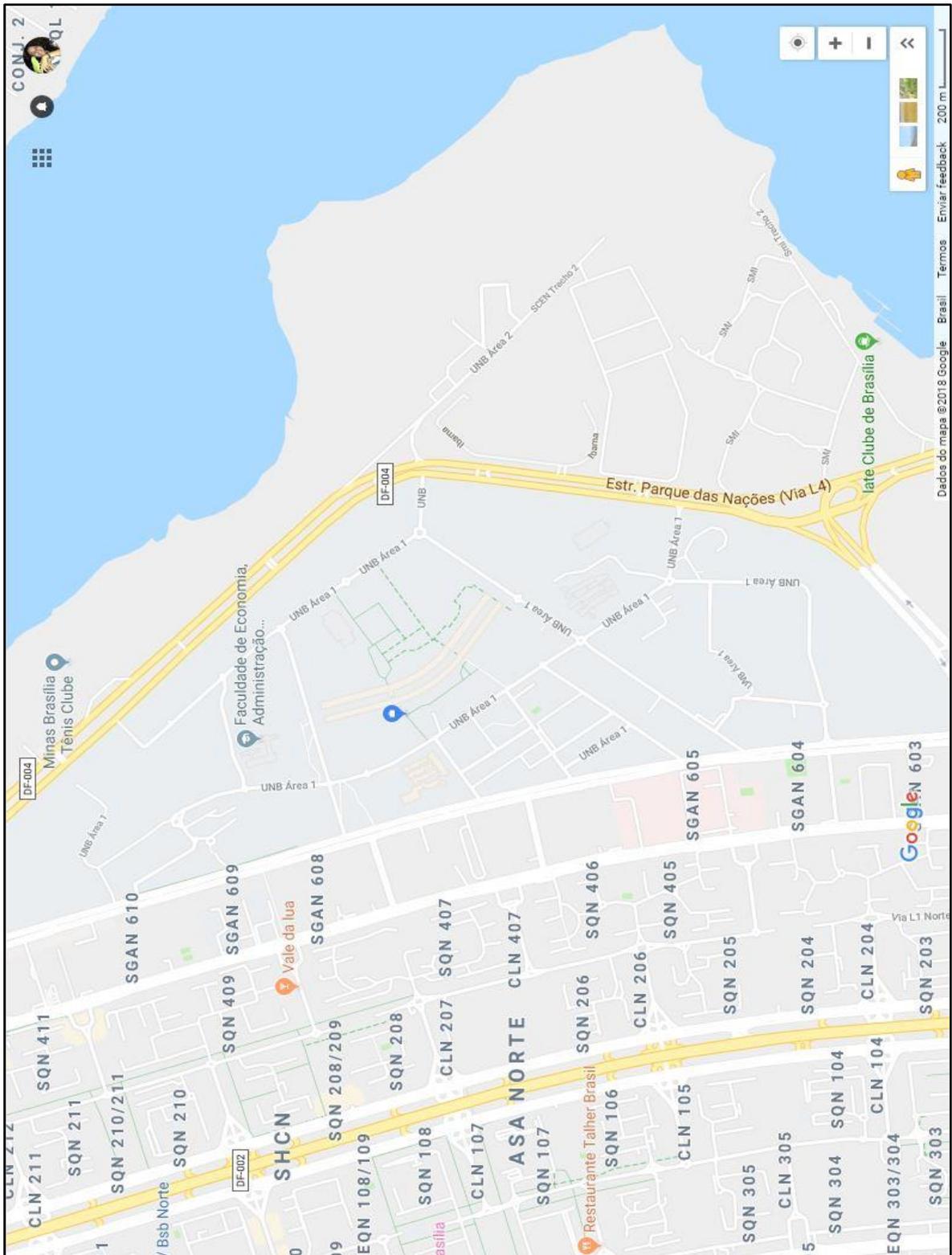
O grupo parceiro²⁰ foi composto de dois tipos, identificados de acordo com sua localização geográfica. Os que moravam próximos do Plano Piloto tinham vida social concentrada nessa área e iam mais aos bares dessa área também – Grupo A, com 07 pessoas. Os que moravam em Taguatinga, tinham vida social mais concentrada nessa RA e em outras RAs próximas, no entanto iam às vezes aos bares do Plano Piloto – Grupo B, com 04 pessoas. Os dois tipos se encontravam prioritariamente nos bares da Asa Norte por um motivo: a maioria do grupo como um todo frequentava ou tinha contatos na UnB. O Campus Universitário Darcy Ribeiro da UnB se localiza em uma extensão de “cerca de 400 hectares e mais de 500 mil m² de área construída” na Asa Norte, entre “a avenida L2 Norte e as margens do Lago Paranoá”²¹. A Figura 7²² mostra recorte do mapa do Plano Piloto em que é possível ver a área da UnB e a sua proximidade com as quadras da Asa Norte, identificadas pelas siglas SQN (Superquadra Norte) e CLN (Comércio Local Norte).

²⁰ O grupo parceiro englobou principalmente 11 pessoas. Principalmente, pois, estes eram os que estavam presentes na maioria das saídas e dos registros. Não necessariamente somente esses ou sempre esses estavam presentes.

²¹ Informações do site da UnB: <<https://www.unb.br/campi/brasil-darcy-ribeiro?menu=424>>. Acesso em: 30 out. 2018.

²² Recorte retirado do Google Maps: <<https://www.google.com.br/maps/@-15.7651145,-47.8743082,15.21z>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Figura 7: Área da UnB e a sua proximidade com as quadras da Asa Norte.



Fonte: Google Maps, 2018.

Portanto, pela localização virou costume dos estudantes irem depois, entre ou durante as aulas aos bares da 408/409 Norte e 410/411 Norte, comércios que ficam próximos e que são alcançados a pé.

Instrumentos metodológicos

Foi formulado um plano-base do método de pesquisa etnográfica para captar e representar as observações feitas em campo. Esse foi composto por um diário de campo compartilhado, um formulário online e possibilidades audiovisuais. Explicitarei adiante de que forma a pesquisa foi construída e concluída por cada um desses instrumentos especificamente. Foi intenção que o plano-base tivesse como ideia oportunizar o registro compartilhado de observações feitas nas saídas aos bares com o grupo parceiro de frequentadores. A intenção por trás dessa estratégia foi captar o espaço e a sociabilidade através de diferentes perspectivas, de forma plural e multiangular, pois essas são características do espaço e da sociabilidade pesquisados. Para tanto, os instrumentos utilizados garantiram que essa ideia fosse de fato seguida.

O formulário foi feito no *Google Docs* – plataforma do Google que disponibiliza o recurso de forma gratuita e bem estruturada. A partir dele, montou-se um questionário que foi respondido online por 66 pessoas. A divulgação foi feita por mim e todo o grupo parceiro, via WhatsApp e Facebook, e as respostas foram obtidas garantindo o anonimato de quem voluntariamente quis participar. Nesse formulário foram colocadas perguntas referentes à frequência de ida aos bares, aos assuntos mais debatidos em mesa de bar, aos pontos mais notados nas relações e nos espaços dos bares, às motivações de ida a esses lugares e ao consumo de drogas. Em relação a essa última questão, especialmente, foi fundamental que as perguntas fossem feitas de forma impessoal e à resposta fosse assegurado o anonimato. Viu-se, por exemplo, que o consumo de maconha – considerada droga ilícita – é comum tanto quanto o consumo de cerveja nas mesas dos bares frequentados para pesquisa. Se a pergunta fosse feita olho-no-olho, dificilmente as pessoas responderiam com sinceridade, pois prezariam por suas seguranças.

O diário de campo compartilhado foi uma ideia que surgiu diretamente das experiências etnográficas realizadas. Trata-se de um caderno que foi levado em todas as saídas aos bares, sendo deixado disponível em cima da mesa com caneta para quem quisesse registrar alguma observação. As observações de todos foram direcionadas para a intenção do trabalho, ao passo que foi compartilhado o objetivo principal: perceber a sociabilidade nos bares, no

espaço e nas relações. No diário foram registradas quatro semanas de pesquisa, contendo observações de 09 saídas aos bares no total. Nessas saídas, foram frequentados 04 bares localizados na Asa Norte e 05 bares em Taguatinga. Os registros foram feitos voluntariamente e livremente pelos sujeitos do grupo parceiro durante as saídas. Após cada semana de saídas, me prontifiquei em organizar um resumo da semana com as informações mais relevantes e uma primeira análise destas.

As possibilidades audiovisuais englobaram gravações de áudios e registros fotográficos. A primeira foi utilizada para registro de saídas mais singulares, que se deram durante as épocas da Copa e das eleições. Contém relato sobre uma saída durante a Copa e 03 saídas durante as eleições, todas para bares da Asa Norte. O registro por gravações de áudios foi ideia que surgiu em uma das saídas registradas em diário compartilhado, proposta por uma das pessoas do grupo parceiro em conversa de mesa de bar. A ideia foi de registrar com mais facilidade essas saídas intensas: regadas de conversas profundas, de relações agitadas e sensíveis, de espaços customizados, de mais coisas acontecendo e com mais detalhes a serem notados. As gravações foram feitas somente por mim, sempre um dia após a saída. As fotografias foram tiradas livremente em todas as saídas realizadas durante toda a pesquisa por todo o grupo parceiro com os próprios celulares e foram reunidas em pasta no Google Drive, organizadas por bar, dia e semana da saída.

Formulário *online*

Para a aproximação às vivências do campo realizado, optou-se por abordar profundamente o formulário realizado online através do Google Docs²³. Por meio deste, garantiu-se o anonimato dos 66 sujeitos que voluntariamente responderam às questões e objetivou-se traçar o perfil dos frequentadores de bares do DF e sondar os principais pontos observados por esses nos espaços e nas relações de bares. A partir desse perfil, justifica-se a escolha dos bares pesquisados, assim como suas localidades, características e relações a serem observadas com mais cautela.

As respostas mostraram que os frequentadores de bares que responderam ao formulário, possuem de 18 a 30 anos de idade, sendo a maioria de 20 a 25 anos (63,6%) e de 25 a 30 anos (25,8%), com 10,6% entre 18 e 20 anos. A maioria identificou-se como fêmea²⁴,

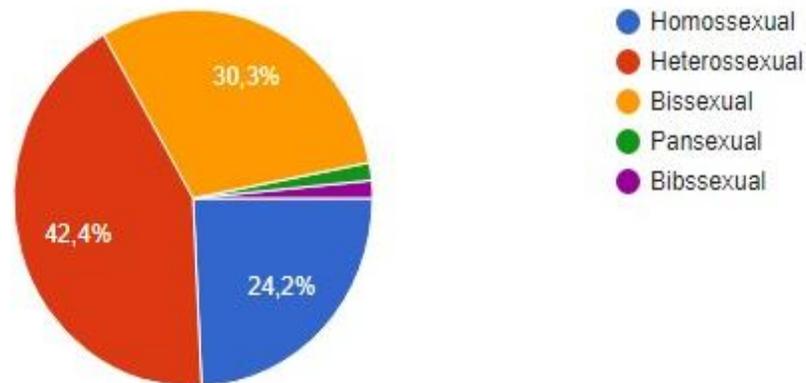
²³ Ferramenta gratuita de construção de formulários, disponibilizada pelo Google.

²⁴ Optou-se por perguntar o sexo biológico, dando alternativa para quem preferisse não responder. A disposição apresentada foi de 68,2% identificando-se fêmea, 30,3% identificando-se macho e 1,5% que preferiu não dizer.

branca ²⁵, cisgênero²⁶ e heterossexual, apesar de que nesse último dado a disposição tenha sido diversa, como se observa no gráfico ²⁷:

Gráfico 1: Orientação sexual

66 respostas



Fonte: Formulário *Google Docs*

²⁵ Preferiu-se fazer a pergunta “Como você se identifica enquanto etnia/cor de pele/raça?” e deixar em aberto as opções para respostas, ou seja, as pessoas que responderam escreveram livremente suas identidades. 33 responderam serem brancas, 17 responderam serem pardas e 14 responderam serem negras/pretas. Duas pessoas se disseram confusas, pois não têm certeza de como se identificar nessa pergunta.

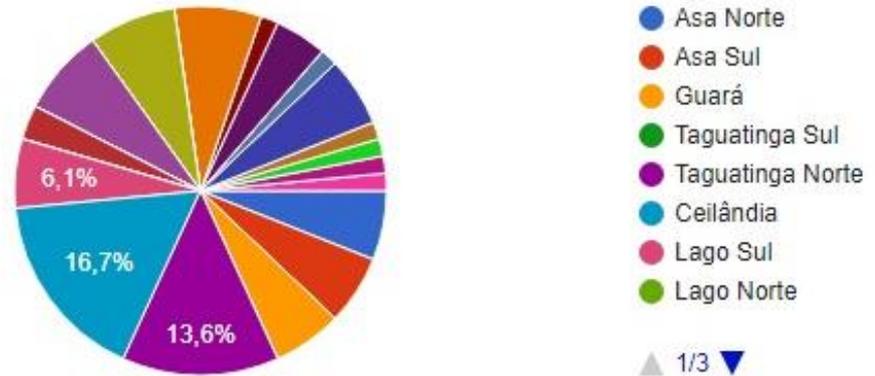
²⁶ A disposição foi de 90,9% cisgênero, 4,5% não-binário, 3% transgênero e, ainda, uma pessoa respondeu que não concorda “que mulher que se identifique com o sexo biológico seja cis”.

²⁷ Nesta pergunta, deram-se as identificações de heterossexual, homossexual, bissexual e deixou-se em aberto para quem quisesse apresentar alguma outra opção. Pensa-se que o “bibssexual” tenha sido erro de digitação, referindo-se na verdade à bissexual.

Quanto ao local de moradia das pessoas que responderam ao formulário, apresenta-se o seguinte gráfico:

Gráfico 2: Moradia (i)

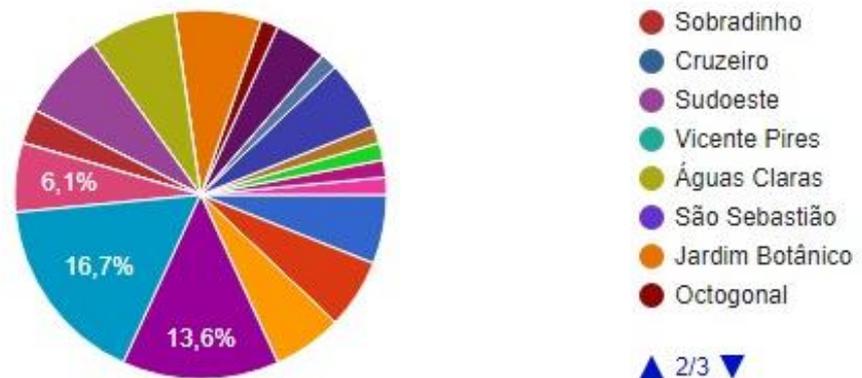
66 respostas



Fonte: Formulário *Google Docs*

Gráfico 3: Moradia (ii)

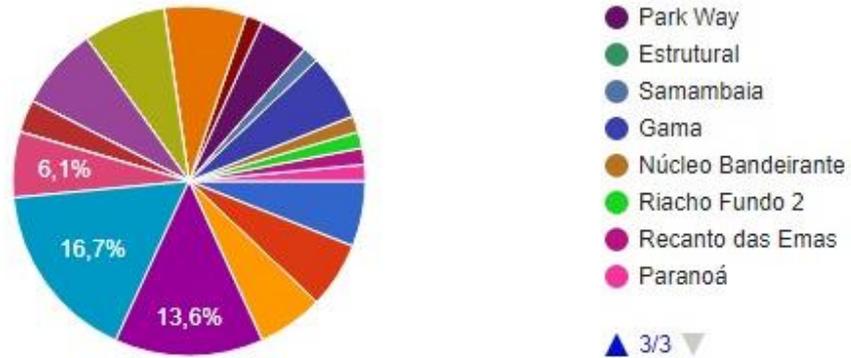
66 respostas



Fonte: Formulário *Google Docs*

Gráfico 4: Moradia (iii)

66 respostas

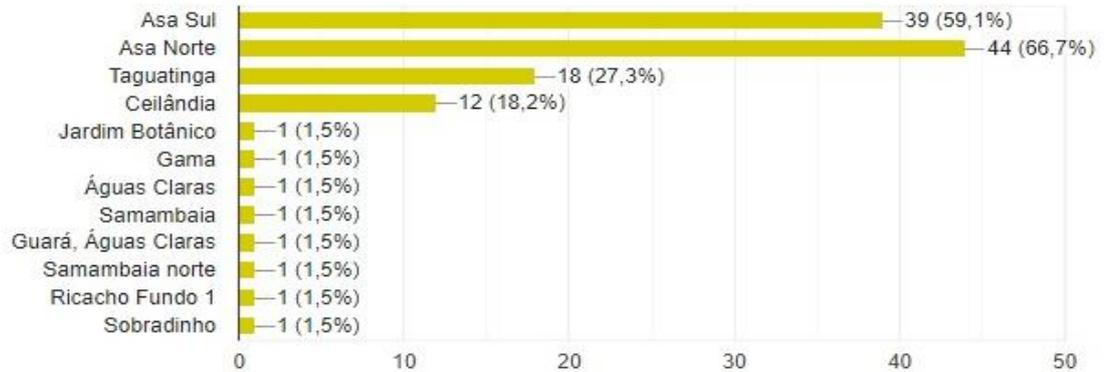
Fonte: Formulário *Google Docs*

Observa-se uma variedade de 18 localidades – referentes à cada cor que compõe o gráfico – as quais os indivíduos que responderam ao formulário citaram como moradia, sendo que a maioria representa localidades fora do Plano Piloto²⁸ – Ceilândia (16,7%), Taguatinga Norte (13,6%), Águas Claras (7,6%), Jardim Botânico (7,6%), Sudoeste (7,6%), Gama (6,1%), Guará (6,1%), Lago Sul (6,1%), Park Way (4,5%), Sobradinho (3%), Octogonal (1,5%), Samambaia (1,5%), Núcleo Bandeirante (1,5%), Riacho Fundo II (1,5%), Recanto das Emas (1,5%) e Paranoá (1,5%). Chama atenção esse dado em especial, analisando-o em relação com o próximo gráfico.

²⁸ Considera-se aqui o Plano Piloto somente como Asa Sul e Asa Norte. Ambas destacaram a mesma percentagem de moradores – cada uma com 6,1%.

Gráfico 5: Costuma ir com mais frequência em bares de qua(is) local(is)?

66 respostas



Fonte: Formulário *Google Docs*

Através dessa relação coloca-se a pergunta: se os indivíduos que responderam são de 18 diferentes localidades do DF, sendo a maioria de fora do Plano Piloto, por que suas frequências de idas aos bares do DF focam tão acentuadamente o Plano Piloto? Para tal reflexão, foi feita a seguinte pergunta logo após a que se referiu ao local dos bares: “Em relação a pergunta anterior, explique por qual (is) motivo (s) você vai mais em bares dessas localidades”. Notou-se que quase todas as justificativas centraram no ponto da acessibilidade, este se associando a basicamente outros dois: proximidade do trabalho, casa ou local de estudo – foram mencionadas a UnB e outras faculdades – e preço da cerveja. Destaca-se dentre as respostas a revelação de um consenso geral mais ou menos estabelecido de que a maioria das pessoas de outras RAs deve se deslocar para o Plano Piloto: “Pelo fácil acesso, a maioria dos amigos preferem rolês na asa sul e norte”; “Quem mora longe sempre se locomove”. Revelaram-se também críticas a esse fato: “Onde os preguiçosos do plano topam ir”; “Poucas pessoas se dão o trabalho de sair do plano”. Ainda, algumas respostas, ao mencionarem a localidade, citaram a condição de deslocamento por transporte público ou Uber.

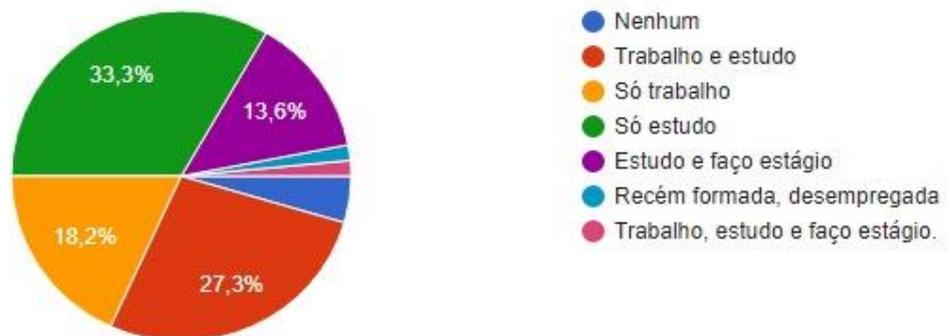
Seguindo o formulário, foi solicitado que citassem livremente os bares que mais frequentam. Com o total²⁹ 83 menções referentes aos bares da Asa Norte, 70 são especificamente sobre bares localizados nos comércios das quadras 408/409 Norte e 410/411 Norte, notando-se, portanto, a popularidade desses. Infere-se que, por terem mencionado a proximidade ao local de estudo como uma condição de frequência aos bares, a UnB seja uma

²⁹ Foram levadas em conta todas as menções feitas. Cada pessoa pôde mencionar quantos bares quisesse, portanto, menções sobre um mesmo bar por diferentes pessoas foram contabilizadas, mesmo se referindo aos mesmos bares.

boa referência como um espaço singular na ocupação de Brasília. Trata-se da única universidade pública federal em Brasília, sendo conhecida por todos os brasilienses e sendo palco de eventos de grande alcance na cidade. Se o próprio indivíduo que respondeu ao formulário não estuda na UnB, certamente tem amigos que estudam e, por isso, ela torna-se um ponto de referência para encontros. Prioritariamente nos dias de semana e à noite se observa muito movimento nesses bares, enquanto durante os fins de semana o movimento não é tanto. Afirma-se que seja pela relação com a UnB – nos fins de semana quase não há aulas. Relembra-se ainda a relação já apresentada na Figura 3, que trata sobre os fluxos de deslocamentos de acordo com o trabalho e a moradia. Por meio do formulário foi possível concluir que a maioria dos sujeitos que responderam têm responsabilidades com estudo, trabalho ou estágio, assim como apresenta o gráfico seguinte:

Gráfico 6: Trabalha, estuda, faz estágio?

66 respostas



Fonte: Formulário *Google Docs*

Verifica-se semelhança entre os dados expostos na Figura 3 e o Gráfico 3, pois em ambos o Plano Piloto apresenta-se como um lugar central nos fluxos de deslocamento – tanto em questão do trabalho quanto em questão de ida a bares. Ademais, o Figura 3 mostra a própria Região Administrativa na qual se faz moradia como outro lugar central nos fluxos. Constatou-se no Gráfico 2 que a maioria dos frequentadores que responderam ao formulário tem moradia na Ceilândia e em Taguatinga Norte. Deste modo, reflete-se que faz sentido o apresentado no Gráfico 3, destacando Taguatinga e Ceilândia além do Plano, outra vez colocando-se semelhante à Figura 3. Essas reflexões mostram-se coerentes, visto que a proximidade do

trabalho, casa ou local de estudo foi um ponto apresentado como muito relevante na escolha da localidade dos bares frequentados.

Vale explorar, ainda, as respostas à questão: “O que te chama a atenção nos bares que frequenta? Fale sobre o espaço, as pessoas, as relações, os comerciantes, etc.”. Os pontos mais tocados foram o preço da cerveja, o consumo de bebidas e fumos, o ambiente/espaço acolhedor e as pessoas. O preço da cerveja definitivamente foi o ponto mais ressaltado e uma resposta deixou explícita a intensidade do consumo de álcool nesses bares: “O quanto as pessoas abusam de álcool”. No que se refere ao consumo de drogas, também foi citado o interesse de que o bar seja “legalize”, ou seja, que seja dada liberdade para o consumo de maconha. Em relação ao último ponto tocado, foi observado que as pessoas que frequentam os bares citados são em sua maioria jovens e universitários, e enfatizou-se bastante o interesse de que tais pessoas sejam “alternativas”, “plurais”, “diversas”, “livres de preconceitos”³⁰. Reflete-se que essas considerações se associam ao ponto que destaca o ambiente/espaço acolhedor, analisando, por exemplo, as seguintes respostas: “Cerveja barata e ambiente livre de preconceitos e violência”; “A diversidade das pessoas e como elas se sentem à vontade para existir ali”; “Não frequento bares com histórico de intolerâncias em geral”. Ainda, foi abordada a relação entre “espaços médios com pessoas amontoadas” e demonstrado o interesse de que o bar disponha de espaço aberto, ao ar livre.

Como constatado a partir do Gráfico 3, Taguatinga é uma RA que, além e distante do Plano Piloto, também foi bastante citada como uma localidade na qual a frequência de ida aos bares entre aqueles que responderam é alta. Com base nesse dado, essa RA foi elencada para ser outro local de estudo, além da Asa Norte, sendo feito levantamento dos bares mais populares entre os jovens dessa RA a partir de pesquisa empírica guiada por opiniões dos próprios frequentadores. Foi observado que as estruturas desses bares e daqueles da Asa Norte são semelhantes: dispõem de espaços pequenos, levando a uma expansão para o espaço exterior, na maioria das vezes público; mesas e cadeiras de marcas de cervejas nacionais; banheiros pequenos e modestos; litrão barato; muitas vezes os bares são lado a lado, mantendo fronteiras abstratas em suas expansões; muitos frequentadores, pessoas amontoadas, em sua maioria jovens. O formulário aqui explanado foi fundamental para mapear o perfil dos frequentadores dos bares pesquisados e para reunir coletivamente frases e palavras que sirvam para construir no imaginário de quem lê a imagem do espaço e das relações, da sociabilidade de bar.

³⁰ Adjetivos apresentados nas respostas.

5 EXPOSIÇÃO DAS VIVÊNCIAS DE CAMPO

O formulário realizado online serve de norte para organizar em tópicos as informações mais relevantes obtidas através de todos os instrumentos metodológicos. O norte foi estabelecido a partir das respostas dadas à seguinte pergunta: “Qual(is) seu(s) motivo(s) para ir em bares? Exemplos: conversar, encontrar pessoas, consumir álcool e outras drogas, debater política, etc. Sinta-se livre para escrever o que quiser, o questionário garante o seu anonimato”. Os pontos mais tocados nas respostas foram: a) encontrar pessoas ou “socializar”; b) conversar ou “colocar o papo em dia”; c) “distrair”, “desestressar”, “relaxar”, “espairecer” ou “descontrair”; d) consumir drogas ou “beber breja”, “fumar um tabaquinho”, um “cigas” ou “um baseadinho”; e e) “ultimamente”, debater política³¹. Portanto, as informações serão apresentadas adiante em subtópicos respectivos a esses pontos.

Encontrar pessoas ou “socializar”

Não é à toa que esse foi o ponto mais mencionado nas respostas supracitadas. Um dos fatos mais evidentes observados nessa pesquisa foi o de que as pessoas vão para o bar encontrar outras pessoas. Tanto é verdade que todos os outros pontos são consequências desse: as pessoas vão para o bar encontrar outras pessoas a fim de conversar, se distrair, consumir substâncias e ultimamente debater política. Um dos indivíduos que respondeu ao formulário mencionou ter amigos que ele só encontra no bar: “O estresse da Universidade me leva direto pro bar. Também ocorre de ter amigos que eu só encontro no bar”. O bar se apresenta como importante espaço para uma socialização diferente, que foge às responsabilidades cotidianas, às pressões do trabalho ou estudo. A resposta de outro indivíduo concorda com essa afirmação: “Fazer uma social, encontrar os amigos que pela rotina corrida do dia a dia acaba afastando”. Não foram vistos indivíduos sozinhos nas saídas aos bares. Pelo contrário, sempre foi visto um considerável número de pessoas juntas ocupando as mesas.

Em campo, observou-se na socialização de bar o reflexo da segregação e da exclusão social patrocinada em Brasília influenciando diretamente nos encontros. Assim como

³¹ As expressões entre aspas representam expressões retiradas literalmente das respostas. “Breja” é um nome muito utilizado entre os grupos pesquisados para designar cerveja. Tabacinho é o diminutivo para caracterizar o cigarro de tabaco, “cigas” diz sobre o cigarro branco e “baseadinho” se refere ao cigarro de maconha. Optou-se por importar o “ultimamente” utilizado na resposta, pois pontua astutamente o período em que se deu essa pesquisa.

constatado através do formulário, o campo mostrou que os brasilienses costumam se deslocar para lugares próximos às suas moradias ou próximos às suas responsabilidades – trabalho/estudo. No entanto, o Plano Piloto representa um ponto central na cidade, apesar de não ser formalmente o centro. Em questão de bares, a Asa Norte torna-se foco já que nela está a UnB e muitas pessoas estudam e/ou possuem conhecidos que estudam nessa. Logo, muitas pessoas, até mesmo de localidades mais distantes, vão para o Plano estudar e/ou trabalhar e aproveitam para dar uma passada nos bares da Asa Norte, que são pontos de referência para encontrar amigos e conhecidos. Contudo, o deslocamento do Plano Piloto e RAs próximas para RAs mais distantes é raro por razões já exploradas – dificuldades com transporte, longas distâncias, etc – e também por razões mais subjetivas – a segregação é tanta que os grupos sociais se constroem dentro de bolhas. Quem cresce no Plano ou próximo não possui contato com quem cresce em localidades mais distantes e vice-versa. Os grupos sociais se constroem dentro de limitações, que formam bolhas de realidades que dificilmente se misturam e facilmente alimentam preconceitos.

A mistura até ocorre, como se observou nos espaços dos bares da Asa Norte – tendo a UnB de novo papel crucial nesse fenômeno – mas só unilateralmente, decorrente do deslocamento de pessoas que moram em RAs distantes em direção ao Plano. Essa afirmação foi evidenciada em saídas realizadas com o grupo parceiro aos bares de Taguatinga: foi conversado com pessoas do Grupo B, sendo essas moradoras de Taguatinga, como seria interessante propor para todos que fôssemos a uma saída para os bares dessa RA, visto que estaríamos fazendo o deslocamento contrário do costume. Uma das moradoras escreveu em diário de campo:

Quando a Isabela me contou suas ideias de estudo de campo me interessei muito, não conseguiria deixar passar batido sem dar a proposta de vir pra Tagua, porque é diferente da vivência da Isabela e seu grupo de amigos, que vivem no Plano Piloto. (ANÔNIMO, 2018).

A proposta foi compartilhada em mesa de bar e seis pessoas do grupo todo toparam, sendo três do Grupo A e três do Grupo B. Dentre os locais de moradia das 03 do Grupo A, estão o Sudoeste e o Lago Sul – RAs muito valorizadas em Brasília. Do Grupo B, todas são moradoras de Taguatinga. Assim, na primeira semana de campo, dia 07 de abril de 2018, sábado à noite, fomos a um bar recomendado pelas moradoras de Taguatinga, sendo este muito conhecido nessa RA. Trata-se de um bar semelhante aos da Asa Norte em espaço e em preço – estrutura modesta,

espaço interno médio, buscando expansão para a área exterior, publicidade apelativa referente a cerveja estampada nas paredes, mesas e cadeiras, etc.

As três pessoas do Grupo A que toparam ir nesse campo nunca haviam ido aos bares de Taguatinga. Elas relataram atritos com os pais ao contarem que iriam para um bar nessa RA – uma das pessoas compartilhou que sua mãe falou que Taguatinga “é uma terra sem lei”. Fica evidente o preconceito alimentado pela segregação e exclusão antes comentadas. Essa mesma pessoa anotou no diário de campo: “É a primeira vez que venho para um bar em Taguatinga. Eu, branco, classe média alta, que sempre tive a visão de que o Plano Piloto é o lugar mais seguro de Brasília”. Outra pessoa escreveu: “é a primeira vez que venho em algum bar tão afastado da minha zona de conforto”. Reflete-se que os moradores de Taguatinga conhecem esses efeitos da segregação, constatando-se isso através de um encontro inusitado ocorrido na saída aqui relatada. Assim que sentamos à mesa, um sujeito sentado com um grande grupo de amigos na mesa ao lado chamou a minha atenção. Era um amigo do curso de Biologia da UnB, morador de Taguatinga, que ficou bastante surpreso em me ver num bar “na sua quebrada”. Ele disse, empolgado: “eu moro aqui do lado, véi³²!”. Já o encontrei algumas vezes no Plano Piloto e não houve tamanha surpresa.

A partir da primeira saída com parte do grupo parceiro a Taguatinga, observou-se maior interesse dessas e de mais duas pessoas do grupo em organizar outras saídas aos bares dessa RA. Sendo assim, houveram mais duas saídas: uma no dia 19 de abril (quinta feira) e outra no dia 27 de abril (sexta feira). Ainda, outra pessoa do grupo demonstrou interesse em participar, mas lamentou o fato de não possuir meio de transporte para comparecer. Ela estuda a noite na Asa Norte e mora no Jardim Botânico, há pelo menos 37 km de distância de Taguatinga. O transporte público é difícil entre essas duas RAs, ainda mais de madrugada, horário no qual se torna perigoso também. Ao organizar as saídas em Taguatinga, tivemos que lidar com obstáculos que geralmente não lidamos com saídas no Plano Piloto, relacionados às grandes distâncias e dificuldades de transporte. Metade do grupo se organizou com caronas e metade se organizou para dormir na casa de uma das moradoras da RA em questão. Na saída do dia 27 de abril houve a ocorrência de outro encontro inusitado: encontrei um amigo de estágio – localizado no Plano Piloto –, morador de Taguatinga, que demonstrou também surpresa em me ver ali.

Mostra-se proveitoso agora analisar a questão dos encontros afetados pela segregação em uma saída para um bar localizado no comércio da 408 Norte. Nessa saída, na segunda

³² Expressão muito comum em Brasília, utilizada em vários tons e podendo ter vários significados dependendo da sua colocação.

semana de campo, no dia 14 de abril de 2018, sábado à noite, todo o grupo parceiro estava presente. Foi compartilhado em diário de campo o momento em que houve um intenso debate na mesa. O assunto, que se desenrolou espontaneamente, era Brasília, seu projeto como cidade e os efeitos desse – a setorização e a segregação influenciando na vida brasiliense. Uma das pessoas que fez anotações cursava Arquitetura na época. Ela escreveu: “A idealização de uma cidade e os reflexos dela numa sociedade que cresce naturalmente com suas necessidades”. O debate foi carregado de críticas ácidas ao fato de que os efeitos do projeto da capital são ao mesmo tempo raízes para a formação de bolhas sociais. Foram discutidas as consequências na realidade social brasiliense, dentre eles os encontros restritos, repetitivos e homogêneos, e o decorrente desconhecimento por parte de pessoas moradoras do Plano ou locais próximos das realidades nas RAs mais afastadas. As opiniões dos debatedores se utilizaram da saída à Taguatinga citada no parágrafo anterior como referência.

Outra observação sobre a última saída comentada, compartilhada em diário de campo por um dos frequentadores presentes foi a seguinte: “O bar junta todos os tipos diferentes”. A partir dessa, o bar é reafirmado como um espaço subversivo e alternativo, que junta e mistura pessoas diferentes, as quais procuram esse lugar com os mesmos motivos em mente, estes elencados de “a” a “e” no início dessa parte do trabalho. Contudo, conclui-se que apesar de proporcionar encontros inusitados, que fogem do costume, do ideal de socialização pensado e planejado para Brasília, ainda sente os efeitos da segregação.

Conversar ou “colocar o papo em dia”

As respostas do formulário citaram como um dos motivos para ir ao bar a intenção de conversar com outras pessoas, ou “colocar o papo em dia”. Foram mencionados assuntos diversos que surgem em mesa de bar, tais como cotidiano, relacionamentos, responsabilidades, festas, ciências, horóscopo, cinema, artes, futuro, religiões, questões sociais como feminismo, racismo, LGBTfobia... Ainda, o assunto “política” foi bastante citado nas respostas, que chamaram atenção para o período no qual foi feita a pesquisa: época de eleições. Este conteúdo em particular será tratado com mais profundidade em outro subtópico. Em campo, foi observada a imensa variedade de assuntos conversados em mesa de bar, fato que alguns participantes do grupo parceiro anotaram em diário de campo compartilhado. No dia 07 de abril de 2018, em uma das saídas aos bares de Taguatinga, duas pessoas do grupo anotaram: “O convívio do bar traz grande expansão da comunicação”; “Os papos, como sempre, variam desde relacionamentos à religião”. No dia 14 de abril de 2018, em saída para um bar na Asa Norte,

outra pessoa do grupo escreveu: Discutimos sobre Brasília; Falamos sobre as divisões de terrenos e as desigualdades que envolvem as regiões atuais; Sobre a realidade de Brasília: estamos setorizados (comercial, institucional, residencial).

As anotações em diário de campo e as menções em respostas ao formulário deixam explícita a importância que os frequentadores de bares dão às conversas que se desenvolvem nesse espaço. É em torno principalmente das conversas que as pessoas interagem nas relações de bar, fato que se torna significativo ao se pensar que se trata de um espaço alternativo e subversivo, no qual se tem a liberdade para conversar sobre assuntos os quais geralmente são impedidos de surgir em ambientes institucionais. Barral (2012) fez essa reflexão:

As pessoas não se reúnem para conversar em uma sala de cinema, em um teatro ou em um estádio de futebol. No bar se pode conversar sobre filmes, espetáculos, jogos. O bar é o lugar da fala, do palpite, da crítica, onde se pode falar e escutar. (BARRAL, 2012, p. 141)

Vale ressaltar ainda que as relações ocorridas nos bares são interações cara a cara, através das quais a comunicação se desenvolve não só verbalmente, mas cenicamente.

Nesse espaço se desenvolvem afetividades, formas de estar um com o outro, onde um e outro são indivíduos em interação cara a cara, com todas as suas qualidades. Os bares, em todas as cidades, vividas e imaginadas, são lugares que falam da cidade e dos cidadãos. (BARRAL, 2012, p. 28)

Presenciaram-se em campo intensas discussões sobre tal variedade de assuntos, mas principalmente sobre questões sociais e políticas. Essas discussões costumaram envolver quase todas as pessoas presentes na mesa, as quais participaram ativamente, ouvindo e expondo opiniões, compartilhando experiências de vida, gesticulando, fazendo caras e bocas. Foi possível observar a quão expansiva se tornou a comunicação entre pessoas nesses espaços, visto que os discursos surgem com mais liberdade e as expressões cênicas são amplificadas. Logo, vê-se na sociabilidade de bar papel crucial na expansão de discursos³³ que geralmente são limitados e reprimidos em ambientes institucionalizados, seja por conhecimento das regras institucionais e das possíveis reações e consequências da exposição de certos discursos ou por simples timidez.

³³ O discurso é a palavra aqui usada para denotar a comunicação como um todo, tanto verbal quanto cênica.

O bar, em determinado espaço e tempo, aparece como lugar do advento da opinião pública, como um lócus de experiências e conhecimentos das coisas pela vivência e/ou observação, transformando-se em local de conversas e práticas políticas e culturais. Lugar onde, por exemplo, fala-se da cidade, às vezes sob uma narrativa homogênea, consensual, esperada, outras vezes ouvem-se falas polarizadas, provocadoras. (BARRAL, 2012, p. 19)

Os discursos não são opiniões, conhecimentos e informações compartilhadas num vácuo sem efeitos, mas dizem respeito a transbordamentos sociais, ou seja, têm o poder de sair da cabeça das pessoas e reconfigurar pensamentos e práticas sociais, pessoais ou coletivas. Uma vez que os espaços dos bares aqui pesquisados no DF proporcionam esses transbordamentos, vale considerar a sua importância nas reconfigurações da estrutura social dessa cidade. Por exemplo, exporei mais adiante como esses espaços foram palcos de campanhas eleitorais no DF. Esse fenômeno não ocorreria se não fosse de conhecimento geral o papel dos bares nas interações sociais e expansões de discursos em Brasília.

“Distrair”, “desestressar”, “relaxar”, “espairecer” ou “descontrair”

Esses foram alguns dos termos utilizados nas respostas ao formulário para apresentar como um dos motivos de ida aos bares a intenção de deixar um pouco de lado as responsabilidades cotidianas, ou, como Barral (2012) aborda e como eu gostaria de abordar neste subtópico, a intenção de desconstruir o tempo social. Várias são as considerações sociológicas e antropológicas sobre esse tempo³⁴, mas quero me atentar à síntese dessas considerações: é aquele que organiza a vida social e sincroniza as atividades humanas.

Para Sorokin e Merton, o tempo matemático, meramente quantitativo, sem marcas ou lacunas, origem ou fim, não tem nenhum significado. É “vazio”. O tempo social é que imprime significados a porções de tempo tornando-o qualitativo (Sorokin & Merton 1937, p. 623). Isso se reflete nos nomes dos dias, meses, datas especiais e estações que determinam o ritmo da vida social (id., pp. 619-620). (MACHADO, 2012, p. 13)

Em outras palavras, todos nós seguimos um tempo social que determina a hora que devemos acordar, trabalhar, estudar, dormir, enfim... que ordena as diversas responsabilidades

³⁴ Machado (2012) apresenta as considerações de vários autores sobre o tempo e especificamente sobre o tempo social. Essas considerações perpassam as ciências físicas e as ciências humanas, em longas e intensas discussões a respeito do que é o tempo em si e de como ele é determinado. Dentre tais, as que mais foram levadas em conta neste trabalho foram as de Kant (1985), Sorokin e Merton (1937) e Durkheim (1989) (apud. MACHADO, 2012, p. 13).

cotidianas que devemos cumprir na sociedade. Além das respostas ao formulário, observou-se em campo que muitos dos frequentadores vão aos bares em períodos de tempo livre que possuem pós-trabalho/estudo. O bar é um espaço no qual esses sujeitos se sentem a vontade para desabafar sobre estresses do cotidiano e conversar sobre tantas outras coisas que podem nem ter a ver com as responsabilidades do dia-a-dia. Assim, busca-se o prazer em, por um momento, fugir das obrigações e desconstruir o tempo social que lhes impõe uma rotina fatigante: “(...) se os jovens vivem o tempo regulado pelas obrigações sociais, também desconstroem o tempo social numa vivência amplificada no tempo que lhe é livre” (BARRAL, 2012, p. 115).

A partir das observações feitas em campo considera-se ainda que os frequentadores de bares, na intenção de desconstruir o seu tempo social, se permitem viver escapadas subjetivas. Isto é, mesmo quando se está num período de tempo livre os indivíduos têm responsabilidades a cumprir e subjetivamente cada um possui consciência e se cobra quanto a isso. O período no bar torna-se um escape dessa cobrança de si. Os frequentadores tratam esse movimento pessoal quase como um ato rebelde, comentando coisas como: “eu tenho mil coisas pra fazer, mas escolhi vir pro bar”. Ademais, muitos dos frequentadores buscam prolongar essa escapada estendendo o seu tempo no bar até tarde da noite, pulando de bar em bar: quando um fecha, busca-se outro; quando este de agora se encerra, dirige-se a outro; e assim por diante. Senão, busca-se uma festa para ir pós-bar, que também é uma forma de “distrair”, “desestressar”, “relaxar”, “espairecer” ou “descontrair”.

Jovens frequentadores de bares, festas e eventos similares acabam, muitas vezes, realizando um prolongamento dia/noite, já que, estudando ou trabalhando, pressionados e cerceados pelas forças da pontualidade da vida social institucionalizada, sobra-lhes, senão, momentos de fuga e lazer cotidiano para períodos de tempo livre durante a noite. (BARRAL, 2012, p. 115)

Acredita-se que o próximo subtópico se relaciona com este, visto que o consumo de drogas é um dos instrumentos que compõem a fuga e a desconstrução mencionadas.

Consumir drogas ou “beber breja”, “fumar um tabaquinho”, um “cigas” ou “um baseadinho”

Neste subtópico, acredito ser proveitosa a seguinte organização: primeiro, a discussão geral sobre o consumo de drogas nos bares pesquisados; depois, a exposição das vivências em

campo relacionadas a este tema. Justifica-se essa organização, pois os registros e observações referentes ao tema em questão são muitos em quantidade e qualidade.

Discussão

Vale a pena começar abordando o consumo de cerveja. Isso porque uma das coisas que mais chama atenção nos espaços dos bares pesquisados é a publicidade apelativa referente a essa bebida. Nas paredes encontram-se cartazes de cervejas nacionais, geralmente anunciando a garrafa de litrão a preços muito acessíveis. As mesas e cadeiras costumam ser de plástico, customizadas com marcas de cervejas, também nacionais. Além da publicidade, ainda se vê o consumo abundante da bebida entre os grupos de pessoas com garrafas nas mesas e copos cheios na mão. Não é coincidência que beber cerveja tenha sido um dos motivos mais citados em resposta à pergunta do formulário “Qual(is) seu(s) motivo(s) para ir em bares?”. Como não beber cerveja em um ambiente que explicitamente convida a esse consumo?

As bebidas alcoólicas são as drogas mais consumidas no Brasil (BOUER, 2006 apud. BERTOLO e ROMERA, 2011, p. 5) e uma das justificativas pra isso é o fato de serem consideradas facilitadoras para a socialização em momentos de lazer. Dentre as bebidas alcoólicas, a cerveja se destaca como a mais consumida pelos brasileiros, segundo o I Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira (BRASIL, 2007, p. 38). Bertolo e Romera (2011) abordam a relação entre publicidade e cerveja no Brasil e os efeitos dessa relação na sociedade brasileira, principalmente nos jovens, que são o principal alvo das propagandas (p.10). As autoras mostram que uma estratégia fortemente usada pela indústria cervejeira atuante no Brasil é construir no imaginário das pessoas uma associação do consumo dessa bebida a momentos de lazer. Essa construção se dá através da exposição, nas propagandas, de contextos sociais onde as pessoas estão estressadas com ambientes institucionais e, fora desses ambientes, disfrutam de um belo momento de relaxamento e alegria consumindo uma cerveja bem gelada. Nesse momento de lazer, de fuga das responsabilidades cotidianas, um dos contextos mais explorados é o dos encontros sociais entre pessoas jovens, bonitas e divertidas em um espaço de descontração: muitas vezes num bar ou numa praia (BERTOLO e ROMERA, 2011).

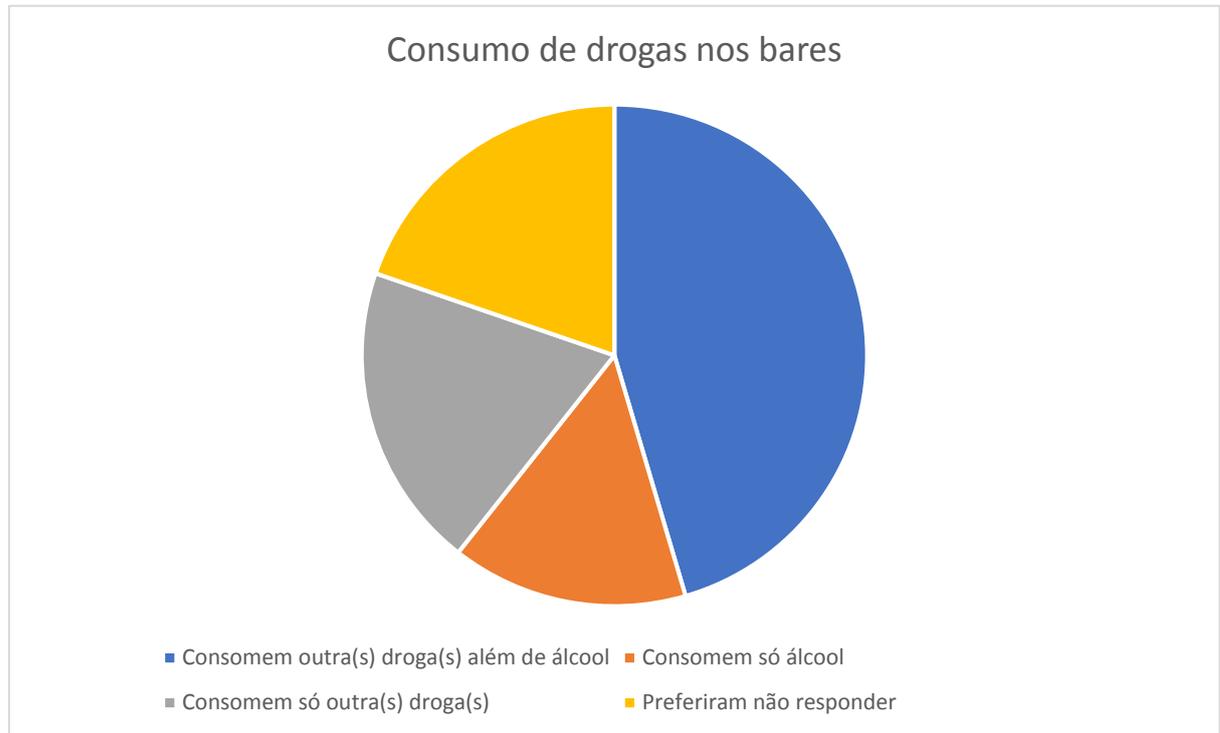
Chegamos ao ponto em que o subtópico anterior se relaciona com este. As propagandas apresentam o consumo de cerveja como uma forma de aliviar tensões e estresses do cotidiano: “Um merecimento, uma recompensa que atenua as dificuldades e premia as conquistas cotidianas, nem que seja simplesmente o fim da jornada de um dia de trabalho” (BERTOLO e

ROMERA, 2011, p. 24). O fato é que a publicidade produzida pela indústria cervejeira atuante no Brasil tem grande papel na associação entre a quebra de rotina – o distrair e o descontrair – e o consumo de cerveja. Essa associação torna-se involuntária no imaginário das pessoas, que são expostas muito mais às propagandas da indústria do que aos programas de prevenção ao consumo abusivo de álcool (BERTOLO e ROMERA, 2011, p. 11). Associando o consumo de álcool aos contextos demasiado positivos apresentados nas propagandas, buscam o alívio do estresse causado pelas limitações do tempo social, alívio este atingido mais facilmente através de uma cerveja gelada. O consumo se torna mais prazeroso quando compartilhado com amigos em um ambiente não institucional, assim como mostram as propagandas. Ainda, a cerveja ajuda na fuga pessoal, dado que a pessoa que a consome normalmente pretende alcançar um estado mais ou menos ébrio, de forma que seja mais fácil escapar subjetivamente de suas responsabilidades.

O consumo de tabaco foi também muito comentado nas respostas ao formulário, além de visto nas saídas com o grupo parceiro. Observou-se que, apesar de não se comparar ao consumo de álcool – especialmente a cerveja – ainda pode ser considerado bastante consumido nos bares pesquisados. No entanto, notou-se que dentre os consumidores, poucos fumam do “cigarro branco” – aquele que vem pronto para fumar. A preferência é muito mais por tabacos de enrolar³⁵. De todo o grupo parceiro, que compreendeu 11 pessoas, pelo menos 06 fumam tabaco de enrolar. Mas, o consumo no dia-a-dia é zero ou bem menor se comparado ao consumo nos bares. Foi comentado em algumas saídas, em mesa de bar, que a vontade de fumar aumenta quando se está bebendo.

Constatou-se por meio do formulário que a maioria dos que declararam consumir algum tipo de fumo nos bares que frequentam, afirmaram também consumir álcool. Isso quer dizer que é raro o consumo de tabaco, cigarro e/ou maconha ocorrer sem que ocorra também o consumo de álcool – na maioria das vezes, de cerveja. O gráfico seguinte demonstra: das 66 respostas, 30 responderam consumir outra(s) droga(s) além de álcool, 10 consomem só álcool, 13 consomem só outra(s) droga(s), 13 preferiram não responder.

³⁵ Compra-se separadamente o pacote de tabaco, o de seda e o de filtros. Para fumar é preciso que o próprio usuário enrole seu cigarro. É comum que esse tipo de cigarro seja compartilhado, passando de mão em mão entre os fumantes.

Gráfico 7 – Consumo de drogas nos bares

Fonte: Da autora, 2018.

Os resultados do formulário foram de encontro ao que foi observado em campo. Nos bares pesquisados, é comum que os frequentadores consumam cerveja, enquanto dividem cigarros de tabaco e/ou maconha e, se a animação for muita, ainda solicitam *shots* de cachaças ou algum outro destilado.

Nos espaços dos bares não há propagandas de incentivo ao consumo de tabaco. O que se encontra são placas que proíbem o fumo em ambientes fechados e cobertos, além de imagens de advertência referentes aos malefícios do tabagismo nas paredes próximas dos caixas. Esses são alguns dos frutos de pelo menos três décadas de desenvolvimento de ações e programas nacionais de controle do tabaco pelo estado brasileiro (PORTES et al., 2018). A maioria das medidas implementadas teve por objetivo a redução da demanda de tabaco (PORTES et al., 2018, p. 1842) e foram bem sucedidas através de, por exemplo, aumento de impostos sobre os produtos, restrições quanto aos locais onde se permite fumar, obrigatoriedade de colocar imagens chocantes que advertem sobre os prejuízos causados pelo consumo, etc. O estado brasileiro se responsabilizou e hoje é considerado referência internacional no que se refere ao controle do consumo de tabaco por meio de ações executadas dentro da Política Nacional de

Controle do Tabaco (PNCT), através de vários órgãos e programas governamentais (PORTES et al., 2018).

Dentre as medidas previstas e executadas na PNCT, está a restrição da publicidade e propaganda do tabaco e derivados. Desde 1980, a publicidade é proibida de induzir a sociedade ao consumo, além de não ser permitida a construção da relação desse produto com o bem-estar (PORTES et al., 2018, p. 1843). Nota-se tamanha diferença na liberdade que a publicidade e propaganda concernente à cerveja possuem no Brasil. Na saída do dia 18 de abril, quarta-feira, para um bar do comércio da 410/411 Norte, foi debatido com o grupo parceiro em mesa de bar o consumo de álcool e de tabaco. A partir do debate, chegou-se a um consenso que a regularização do tabaco no Brasil aparenta funcionar, pois os fumantes têm consciência dos prejuízos causados pelo consumo – os próprios fumantes do grupo declararam possuir essa consciência.

No que se refere ao álcool, a história é bem diferente. Apesar de tantos prejuízos comprovadamente relacionados a essa substância³⁶, o grupo concordou que o que permanece na cabeça das pessoas é a associação entre esse consumo e situações prazerosas e positivas: de lazer, de socialização e de alívio. Além disso, o álcool é mais socialmente aceito – no caso do bar, o seu consumo é inclusive convidativo – do que o tabaco. As consequências sociais são decorrentes do consumo inconsciente desse produto e da distorção dos seus reais efeitos. Os resultados estatísticos são o crescimento da população que tem contato com o álcool mais cedo, o aumento da quantidade consumida, o aumento da frequência do consumo, entre outros³⁷. Esses resultados vão de encontro com os relatos pessoais compartilhados pelo grupo. Foi citado que, em Brasília, a única coisa que às vezes freia o consumo de álcool nos bares é o medo da Lei Seca³⁸. Como já dito nesse trabalho, o deslocamento em Brasília é complicado por conta das longas distâncias, logo, se se pretende ir ao bar para beber, deve-se pensar em usar o

³⁶ “As bebidas alcoólicas embora atualmente classificadas como substâncias lícitas, mesmo que seja de uso legal, acarretam vários prejuízos para o sujeito, assim como para a sociedade (...)” (BERTOLO e ROMERA, 2011, p. 4).

³⁷ Foram consultados os dados do II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) (BRASIL, 2012), que analisou o consumo da população brasileira comparando com o I LENAD realizado em 2006. O resumo dos resultados pode ser encontrado no link: Disponível em: <<https://inpad.org.br/lenad/resultados/alcool/resultados-preliminares/>>. Acesso em: dia 28 de jan. 2019.

³⁸ “Em 10 anos, Lei Seca levou à prisão de 14,2 mil motoristas no DF”: Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/10/12/interna_cidadesdf,712419/lei-seca-prende-mais-de-14-mil-condutores-em-10-anos.shtml>; Acesso em: dia 28 de jan. 2019. “Lei Seca: DF tem maior índice de autuações do país”: Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/lei-seca-df-tem-maior-indice-de-autuacoes-do-pais.ghtml>>. Acesso em: dia 28 de jan. 2019.

transporte público (que é ineficiente e perigoso a partir de certa hora da noite) ou muitas vezes o Uber³⁹, e nem todos possuem tal dinheiro para gastar.

Apesar de seu consumo ser mais consciente por parte dos usuários e de terem aparatos legais que restringem o seu uso, o tabaco de enrolar mais que o cigarro branco, como já dito, é consideravelmente consumido pelos frequentadores dos bares pesquisados. Destes, a maioria dispõe as suas mesas ocupando amplo espaço público ao ar livre, de modo que os fumantes têm a liberdade de fumar sentados e sem a necessidade de se afastarem⁴⁰. Algumas respostas à pergunta do formulário, que gerou o gráfico anterior, “Você e/ou seus amigos fazem consumo de drogas (inclui álcool, cigarro e tabaco) nos bares? Se sim, qual(is)? Fazem na mesa ou procuram se afastar?” mostraram que a liberdade de fumar à mesa é uma das exigências dos fumantes no geral: “Na mesa de preferência”; “Procuramos bares que possamos fumar sentados”; “Quem fuma procura sentar em espaço aberto”; “Na mesa, legalize”.

No tocante ao consumo de maconha, que também foi muito observado nos bares pesquisados, o seu uso se difere do tabaco e do cigarro branco. A aparência do cigarro de maconha é parecida com a do cigarro de tabaco – também, é comum a mistura dos dois em um só cigarro – de maneira que às vezes ocorra o seu consumo à mesa, sem afastamento. No entanto, foi constatado que a forma de consumo é relativa. Nas respostas à mesma pergunta do formulário, das 25 pessoas que afirmaram consumir maconha nos bares frequentados, 10 disseram se afastar para fazer o consumo, nove falaram que fazem o uso sentados à mesa, três falaram que às vezes consomem à mesa e às vezes se afastam. O restante não respondeu quanto à forma de consumo. Dentre as respostas, algumas chamaram atenção por especificarem a utilização de maconha nos bares: “Ao consumir maconha, nos afastamos do público para evitar olhares discriminatórios e não chamar atenção de crianças”; “Se for no Plano da pra fumar (maconha) na mesa de boa, nem sempre, mas no geral sim. Em Taguatinga tem que se afastar”; “maconha tem q levantar”; “quando as pessoas vao fumar maconha e cigarro elas se afastam da mesa”; “Geralmente nos afastamos só c a maconha”.

As observações feitas nas saídas com o grupo parceiro deixaram explícito um fato: nos bares frequentados do Plano Piloto, quase nunca há problema em se fumar maconha na mesa; nos bares frequentados de Taguatinga, quase sempre há a necessidade de se afastar. O consumo aparentou ser o mesmo em quantidade tanto num local quanto no outro. O que difere é somente a forma de consumir. Trata-se de uma droga ainda ilegal e mal vista na sociedade brasileira e

³⁹ Trata-se de um aplicativo de celular recentemente popularizado no Brasil que oferece o serviço de motoristas cadastrados na empresa multinacional americana Uber Technologies Inc.

⁴⁰ Tanto nos bares do Plano Piloto quanto nos bares de Taguatinga foi observado esse padrão.

especificamente no DF. Aqueles que a consomem, carregam consigo um estigma (GOFFMAN, 1982), geralmente abastecido de carga negativa e enxergado pela sociedade como um desvio (BECKER, 2009). Uma vez que são reconhecidos maconheiros podem, além das consequências legais, sofrer com a imposição, seja verdade ou não, de uma série de estereótipos associados a este subgrupo: vagabundos, lerdos, esquerdistas, estudante da UnB⁴¹ etc. Portanto, os usuários de maconha podem sofrer com as reações da sociedade – inclui família, amigos, colegas de trabalho, entre outros – e eles sabem disso.

Outro fato que os usuários de maconha sabem é que os estereótipos podem ser mais ou menos graves, gerar efeitos mais ou menos críticos, dependendo de coisas como: como se consome, com quem se está acompanhado e onde se está durante o consumo, aparência – cor de pele, expressão de gênero, vestimentas –, etc. É de conhecimento destes indivíduos que, para usar um exemplo conveniente a este trabalho, a abordagem policial difere muito de Taguatinga pro Plano Piloto. Nesse sentido, frequentadores, garçons e donos de bares se preocupam menos com a abordagem policial no Plano Piloto do que em Taguatinga⁴², sendo esse um dos fatores que guiam a forma de consumo. Outros fatores estão associados ao medo, por parte dos frequentadores de bares, de serem reconhecidos maconheiros por pessoas que participam dos seus convívios; ou medo, por parte dos garçons e donos de bares, do estabelecimento ser estigmatizado como um espaço de usuários de maconha.

Por fim, valem algumas considerações gerais a respeito do consumo de drogas nos bares. A partir do formulário e das experiências de campo compreendeu-se que é muito raro que não aconteça o consumo de drogas no bar – das 66 respostas ao formulário, 65 afirmaram consumir drogas – e quase tão raro quanto é que não ocorra o consumo de álcool. Ainda, sustenta-se que é mais provável o consumo de tabaco, cigarro e/ou maconha acompanhado do álcool.

Vivências em campo

O consumo de drogas foi bastante anotado em diário de campo compartilhado, além de registrado nas possibilidades audiovisuais. Em algumas saídas, as quais serão relatadas adiante, foi possível notar com mais intensidade as diferenças nas formas de consumo, além de

⁴¹ Em Brasília, há uma visão preconceituosa defendida por alguns brasilienses que sustenta o estereótipo de que estudante da UnB é vagabundo.

⁴² Essa informação se sustenta pelo menos até o período de pesquisa. A partir de 2019, com o novo governo, já se diz que não há a mesma liberdade que antes para o consumo de maconha nos bares do Plano Piloto.

ilustrar a questão das drogas associada às outras questões apresentadas na exposição de conteúdo e no desenrolar da discussão deste trabalho.

Dia 05 de abril de 2018, em um bar do complexo da 408 Norte

Nesta saída, numa quinta-feira à noite, estávamos eu e 04 pessoas do grupo parceiro, todos reunidos após seus expedientes – no trabalho e/ou nos estudos. Logo após sentarmos à mesa, recebemos um panfleto que convidava para o evento “Marcha da Maconha Brasília 2018”. Anexamos este ao diário de campo compartilhado e se encontra a seguir:

Figura 8 – Panfleto que convida para o evento “Marcha da Maconha Brasília 2018



O panfleto estimulou a discussão em mesa sobre a maconha: todos apresentaram suas apostas a respeito de quanto tempo vai levar para esta droga ser legalizada no Brasil. Foram

expostos e debatidos conhecimentos acerca da maconha, contextos nos quais ela já pode ser consumida legalmente, dificuldades no Brasil por conta de sua política conservadora, possibilidades dessa droga ser ainda mais estigmatizada em questão das políticas que as novas eleições podem promover.

Enquanto o debate acontecia, uma das pessoas do grupo parceiro preparou um *beck* na própria mesa de bar. Reparamos que o garçom que nos atendia, muito conhecido pelos frequentadores deste bar, notou e não demonstrou incômodo ou nenhum tipo de reação negativa. Assim, o cigarro foi fumado na mesa pelo grupo.

Dia 07 de abril de 2018, em um bar em Taguatinga

Essa saída já foi compartilhada neste trabalho a partir de uma perspectiva mais abrangente e considero que vale expor mais detalhes referentes a essa vivência. Trata-se da primeira ida com o grupo parceiro aos bares de Taguatinga.

A escolha do bar foi definida pelas pessoas moradoras dessa RA, as quais disseram ser este um bar bastante popular entre os jovens. A estrutura era parecida com a dos bares do Plano Piloto por ser modesta, no entanto, o espaço interno é bem maior, tanto que dispõe de 03 mesas de sinuca. O litrão tinha o mesmo preço dos bares do Plano Piloto e era permitido fumar dentro e fora do estabelecimento – apesar de possuir avisos de proibido fumar nas paredes – desde que não fosse maconha. Quando um dos sujeitos do grupo começou a fazer um cigarro de tabaco, o garçom que nos atendia – o qual é filho do dono do bar, que também estava presente – se dirigiu à nossa mesa para perguntar se era só tabaco. Confirmamos.

Nessa hora, as moradoras da RA e frequentadoras do bar explicaram para o grupo que nenhum dos bares que elas nos levariam em Taguatinga permite o consumo de maconha na mesa. É preciso se afastar do bar para um canto não tão escondido, pois também se deve tomar cuidado para não ficar muito aparente o consumo de algo ilícito. Uma das moradoras ainda confessou que pensou em nos levar para um bar ali perto, mas lá estava com muita incidência de polícia por conta de denúncias da vizinhança. Um dos sujeitos do grupo, morador do Sudoeste e frequentador dos bares no Plano Piloto, escreveu no diário de campo:

É diferente, lá no Plano a galera fuma o *beck* na mesa, aqui rola um certo medo por parte das pessoas. Medo de bater polícia, bem diferente do Plano, até o garçom do bar veio perguntar se o que fumávamos era maconha ou tabaco. (ANÔNIMO, 2018).

Outro sujeito, também morador do Sudoeste, registrou: “o consumo de maconha aqui é mais por ‘debaixo dos panos’”. A mesma moradora que explicou sobre a diferença no consumo de maconha, anotou:

Aqui em Taguatinga já não se fuma mais dentro do bar maconha, a gente pode fumar cigarro. Após as 23:00 aqui nesse bar, por ficar aberto até mais tarde, chegam diversos garçons dos bares ao redor. Uns garçons tomam um traçado⁴³, outros ficam só na cerveja após a jornada intensa de trabalho servindo várias mesas, mas também tem aqueles que cheiram⁴⁴ porque o trabalho ainda não acabou. (ANÔNIMO, 2018).

Após um tempo na mesa, os sujeitos do grupo que quiseram fumar maconha foram guiados pelas moradoras da RA para um canto um pouco afastado, um pouco escuro. O cigarro foi consumido e o todo o grupo parceiro se dirigiu para dentro do estabelecimento, a fim de jogar sinuca. Percebemos alguns garçons dos bares próximos chegando ao local e logo pedindo litrões. Eram conhecidos das moradoras de Taguatinga e esses se cumprimentaram de forma extrovertida, brindando copos de cerveja.

Dia 14 de abril de 2018, em um bar da 408 Norte

Nessa saída, no sábado à noite, estava presente todo o grupo parceiro. Foi registrado em diário de campo o alto nível de cerveja consumido pelo próprio grupo e por todos os que estavam no nosso bar e nos bares ao redor. A particularidade do bar que estávamos é o fato de que nele só se vende cerveja e pouquíssimas variedades de bebidas alcoólicas. Não há opções de comida. O preço do litrão é o mais barato de todos os bares locais. O próprio dono/garçom do bar nos servia com um copo de cerveja na mão. Na noite, foram consumidos pelo grupo parceiro 01 engradado e meio de cerveja, o que dá mais ou menos 18 litros. Além disso, foram consumidas doses de cachaça de um bar próximo.

Uma das pessoas do grupo relatou: “A utilização de cigarros e tabacos não foi questionada por nenhum funcionário ou dono do estabelecimento. Estávamos livres e a vontade. O consumo de álcool sempre presente”. Outra pessoa escreveu: “Tomamos muitos litrões acompanhados de tabacos; Muitos tomamos doses de cachaças; Rolou um *beck*”. Quando se aproximava de meia noite, os bares deste complexo já estavam encerrando suas atividades⁴⁵ e

⁴³ Traçado é uma bebida alcoólica barata servida nos bares frequentados, que mistura dois tipos de cachaças. Segundo a autora desse registro, “é tradição de bar copo sujo”.

⁴⁴ Refere-se ao consumo de cocaína.

⁴⁵ Mesmo nos fins de semana, a maioria dos bares no Plano Piloto costuma fechar cedo por causa de conflitos com a vizinhança. Este foi um ponto muito observado pelo grupo parceiro que participou das saídas em

o dono do bar, que estava nos atendendo, nos presenteou com 03 “saideiras”⁴⁶. O grupo consumiu a cortesia, pagou a conta e, enquanto parte se dirigiu para suas casas, outra parte resolveu ir andando ao complexo de bares da quadra ao lado, a 410 Norte, no objetivo de encontrar outro bar aberto. No caminho foram consumidos tabacos e o último litrão da saideira.

Chegando ao complexo da 410 Norte, encontramos os bares da quadra todos fechados. Somente um estava ainda encerrando, com as mesas e cadeiras já empilhadas e um único garçom organizando o espaço para fechar. Reconhecemos que se tratava de Mateus⁴⁷, um garçom que nos atendia meses atrás no bar em frente ao que ele estava trabalhando agora. Costumávamos frequentar assiduamente este bar – que chamarei de Encontro – e Mateus sempre fez questão de nos atender, de modo que criamos uma amizade. Cabe aqui um belo de um parêntese para expor nossa frequência ao Encontro e contar um pouco mais sobre Mateus, pois ambos foram inspirações para esta pesquisa.

O Encontro

Acompanhamos o Encontro desde o dia da sua inauguração, assim como muitos outros frequentadores de bares universitários no Plano Piloto. Na sua abertura, oferecia litrão a sete reais, pastel e fatia de pizza a três reais, considerados preços muito baixos. Estes valores permaneceram quase os mesmos durante um bom tempo, então desde a sua abertura vimos o Encontro sempre cheio de frequentadores, independente do dia da semana. Além do fator preço, outros fatores contribuíam para a popularidade deste bar: o atendimento era muito ágil; o funcionamento ia até de madrugada, atraindo todos aqueles que procuravam por bares nesse horário e nessa localidade; o consumo de maconha (e outras drogas) era totalmente permitido; e a sua inauguração coincidiu com o período de férias da UnB.

O Encontro rapidamente virou um ponto de referência para meu grupo de frequentadores e pude perceber que assim sucedeu para outros grupos também, de maneira que se as pessoas marcavam de se encontrar no bar, automaticamente já se entendia este bar. Acabamos nos aproximando de Mateus através de trocas de brincadeiras, piadas, conversas e desabafos, enquanto ele abastecia agilmente as nossas e tantas outras mesas com litrões, pastéis e pizzas. Tratava-se do garçom mais rápido e simpático do Encontro. Ele aparentava ter um

Taguatinga: ficou registrado em diário de campo que os bares em Taguatinga são mais diversos e funcionam até mais tarde.

⁴⁶ Saideira é uma cortesia, bebida de graça oferecida pela casa ao grupo de clientes que consumiu bastante daquela mesma bebida. Portanto, nesse caso 03 saideiras significam 03 litrões.

⁴⁷ Trata-se de nome fictício.

pouco mais que a nossa idade, era baixinho, magro e tinha um jeito brincalhão e atencioso. Compartilhávamos *becks* e cerveja com Mateus, que não consumia muito, mas aceitava um trago ou um gole às vezes.

Após a passagem de alguns meses, continuamos frequentando este bar e percebemos que as coisas seguiam um rumo estranho. O Encontro estava cada vez mais cheio de gente, permanecendo aberto até cada vez mais tarde. Notamos o cansaço se acumulando nos olhos de Mateus e dos outros garçons. Mateus, vez ou outra, aparecia elétrico e divertido em nossas mesas, nos contando que havia acabado de consumir alguma droga estimulante – geralmente ecstasy: um dia nos confessou que o consumo ajudava no trabalho. Além disso, reparamos em outras coisas: muitos menores de idade que passaram a frequentar o Encontro e a nele consumir álcool e outras drogas; conflitos recorrentes entre clientes, entre garçons, entre clientes e garçons, entre este bar e os bares ao redor; e a ocorrência de venda e compra de drogas nas mesas. A energia do Encontro ficou tão pesada ao ponto de uma das pessoas do meu grupo de frequentadores sofrer uma crise de ansiedade e ter que ir para o hospital (ela não havia consumido nada, já estava em um quadro de ansiedade, mas a crise se deu assim que sentou no bar).

Enfim, depois deste episódio, ficamos um bom tempo sem voltar no Encontro. O dia que voltamos foi o que relato nesta parte do trabalho.

Voltando ao dia 14 de abril de 2018

Pois bem, eu e parte do grupo parceiro encontramos o Encontro e os bares ao redor fechados. Mateus era o único indivíduo naquele complexo da 410 Norte e organizava o fechamento do bar em frente ao Encontro, no qual ele trabalhava agora. Tanto ele quanto nós ficamos surpresos e alegres com o inusitado encontro. Mateus nos vendeu dois litros e nos pediu para que esperássemos ele finalizar as responsabilidades. Sentamos no chão para aguardar e dividimos a cerveja com ele, que logo se juntou a nós. Mateus nos agradeceu por melhorar seu dia e desabafou sobre sua tristeza: sua namorada havia terminado com ele por WhatsApp. Lamentamos juntos e conversamos sobre términos, Internet, astrologia e outros assuntos. Enfim, Mateus nos revelou que as condições de seu trabalho atual eram muito melhores em comparação ao Encontro e confidenciou que o uso de drogas era uma forma de lidar com os excessos exigidos.

Mateus nos convidou para um bar que estava aberto do outro lado da rua, na quadra em frente – 411 Norte. Seguimos a madrugada até 5 da manhã, quando este bar também encerrou suas atividades, conversando, consumindo cerveja e tabacos.

Dia 19 de abril de 2018, em um bar em Taguatinga

Nessa saída, na quinta-feira à noite, estava presente a mesma parte do grupo parceiro que foi na primeira saída à Taguatinga mais uma pessoa. O espaço interno do bar era muito pequeno, de forma que as mesas e cadeiras estavam dispostas na área externa. Não era permitido fumar dentro do estabelecimento e por esse motivo supôs-se que as mesas do lado de fora estavam todas ocupadas, de maneira que tivemos dificuldade para nos sentar, enquanto as mesas de dentro estavam livres.

Logo ao lado deste bar se encontra outro, que também estava cheio do lado de fora e vazio do lado de dentro. Ambos os bares ocupam espaço externo, formando um aglomerado de mesas e cadeiras e lembrando os complexos de bares estudados na Asa Norte. Ainda, ambos se situam nas partes térreas de pequenos edifícios de apartamentos residenciais, estando cercados de outros edifícios ao redor.

As moradoras de Taguatinga e frequentadoras desses bares já haviam nos informado, na primeira saída a essa RA, sobre as denúncias da vizinhança e a alta incidência de polícia, fato confirmado quando já estávamos sentados à mesa e uma viatura passou lentamente na rua em frente, observando o movimento. Uma das moradoras comentou sobre algumas vezes nas quais viu amigos sendo abordados pela polícia naquele lugar. Para fumarem um beck, parte do grupo teve que se afastar.

Dia 27 de junho de 2018, em um bar no complexo de bares da 410 Norte

Nessa quarta-feira à tarde estava presente todo o grupo parceiro. Era dia de jogo do Brasil contra a Sérvia pela Copa do Mundo e vários bares do DF, inclusive os bares pesquisados na Asa Norte, se organizaram para transmitir o evento. Chegamos ao bar uma hora antes de começar o jogo – que tinha início às 15 horas – e esse e os outros bares do complexo já se encontravam com todas as mesas e cadeiras ocupadas. Conseguimos conversar com um garçom, que nos arranjou uma mesa no único lugar que restava: debaixo do escaldante sol que fazia.

Esse foi um dia que atraiu uma quantidade gigantesca de pessoas para os bares pesquisados: as pessoas foram liberadas mais cedo dos trabalhos e estudos, as vias que levavam

aos bares estavam engarrafadas, todas as mesas e cadeiras foram dispostas e ocupadas e, mesmo assim, muitos clientes permaneceram no espaço de pé. O ambiente dos bares estava decorado com cores do Brasil, assim como os garçons e os consumidores com as suas roupas, buzinas, bandeiras, chapéus e tinha até uma pessoa com um trompete, o qual foi tocado para acompanhar o hino nacional no início do jogo.

Chamo atenção para o fato de que todas as pessoas presentes no complexo de bares pesquisado lá estavam com um mesmo objetivo: acompanhar o jogo do Brasil e beber litrão barato com os amigos, possuindo liberdade para consumir outras drogas, torcer e fazer barulho. Sendo assim, percebeu-se mais tarde, depois do jogo, quando fomos caminhando aos bares próximos, que nesse episódio se formaram pequenas coletividades de torcidas e cervejas em cada espaço de bar. A associação entre futebol e consumo de cerveja no bar saltou aos olhos de forma crua, pois os espaços dos bares e seus sujeitos naquele momento compartilhavam desse objetivo pontual, que se refere a essa associação.

Segundo Romera (2014), a Copa de Futebol FIFA é um megaevento que se relaciona com interesses culturais e econômicos, propiciando forte apelo popular através de mídia e publicidade. Trata-se de um evento que promove os interesses de grandes corporações, dentre elas a indústria cervejeira: “é sabido que entre os principais produtos, se não o principal, vinculados à Copa do Mundo da FIFA está a cerveja” (ROMERA, 2014, p. 782).

Ao final do jogo, o Brasil havia vencido por 02 a zero e este foi um fator que deixou a coletividade daquele complexo de bares eufórica e incansável no consumo de litrões. O consumo foi tanto que, certa hora da noite, as garrafas de litrões haviam acabado nesses bares, o que fez com que os jovens fossem embora ou, como eu e o grupo parceiro fizemos, caminhassem em direção aos bares próximos. Formou-se nessa, na quadra ao lado – a 408/409 Norte – e entre essas quadras um trânsito de pessoas que procuravam por bares abertos com litrão para oferecer.

Passamos pelo complexo de bares da 410 Norte que se localiza um pouco mais abaixo da quadra, mais próximo à via L2 Norte, e pelo complexo de bares da 408 Norte. A maioria dos bares estava fechada e os que permaneciam em funcionamento não tinham mais litrões. Logo, contentamo-nos, como outros, em finalizar a saída consumindo garrafas de 600 ml em um bar do complexo da 408 Norte.

Notou-se nessa saída o destaque inegável da cerveja e o consumo elevadíssimo dessa, além do consumo comum no espaço do bar de tabaco de enrolar, cigarros e maconha.

“Ultimamente”, debater política

A política sempre esteve presente no bar: como já exposto, é comum que a mesa de bar seja palco de debates fervorosos, onde as pessoas expõem suas opiniões se envolvendo com maior liberdade comunicativa, pois estão em um ambiente não institucional, subversivo e alternativo e também por influência do consumo de drogas, que é habitual.

O cotidiano do lazer nos bares, por exemplo, reserva espaço para a crítica dos costumes, da política, para a conversa sobre temas do noticiário, da mídia, do cotidiano. Pode-se dizer que uma simples reunião em torno de uma mesa de bar não significa participação política, contudo não corresponde necessariamente a uma passividade. (BARRAL, 2012, p. 19).

Na época em que foi feita esta pesquisa notou-se que os bares adquiriram uma ambiência política mais intensa do que o costume, por ter sido um período pré-eleições. Foram ricos os registros referentes aos atos, atuações, discursos, propagandas, manifestações políticas nos bares pesquisados. Adiante são expostos alguns desses episódios vivenciados em pesquisa.

Dia 06 de abril de 2018, em um bar na 408 Norte

Esse foi um dia intenso no cenário político brasileiro. No dia anterior (05) o juiz Sérgio Moro decretou a prisão do ex-presidente Lula e no dia 06, quando ele deveria apresentar-se voluntariamente à Polícia Federal em Curitiba, houve diversas manifestações no país contra a condenação.

Chegamos ao bar no fim da tarde e vimos grupos de jovens vindos da manifestação que ocorreu em Brasília. Alguns vestiam camisetas de cor vermelha – associada à esquerda no Brasil – e portavam uma bandeira do Partido dos Trabalhadores (PT), do qual Lula foi um dos fundadores e grande líder. Um dos grupos começou um coro “Lula! Ladrão! Roubou meu coração!”, que foi seguido pelos outros grupos presentes.

Dia 28 de agosto de 2018, no complexo de bares da 408 Norte

Esse dia foi registrado por mim, através de gravação de áudio, no qual relatei o ocorrido logo após o episódio. A equipe de campanha do candidato à presidência, Guilherme Boulos, e da sua candidata à vice-presidência, Sônia Guajajara, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), montou uma estrutura com palanque no espaço entre bares, mais especificamente em frente ao bar Vale da Lua, que se encontrava fechado. Trata-se de um evento intitulado “Boulos Conversa com a juventude”, divulgado nas redes sociais como “Litrão com Boulos” e organizado por coletivos políticos de juventude – RUA, UJC, Juntos e

AFRONTA – junto com a coligação entre o PSOL, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e a rede de comunicação livre Mídia Ninja.

O evento teve início no fim da tarde, às 18 horas, e logo lotou. As mesas e cadeiras dos bares ao redor estavam dispostas quase cercado o palanque, enquanto as pessoas ocupavam-nas e solicitavam litrões à espera do início das falas. Algumas dessas pessoas não encontraram cadeiras, permanecendo em pé próximas às mesas. Os jovens dos coletivos e os atuantes dos partidos se posicionaram nos vazios entre mesas, pessoas e estruturas, vestidos com suas marcas, levantando bandeiras, puxando coros e segurando copos de cerveja nas mãos. Estavam presentes ainda candidatas e candidatos às vagas de deputadas e deputados de partidos de esquerda, com suas equipes de campanha, distribuindo panfletos informando sobre suas propostas e seus números. Segue foto que ilustram o cenário:

Fotografia 13: Complexo de bares da 408 Norte durante o evento “Litrão com Boulos”.



Fonte: Grupo parceiro, 2018.

O andamento do episódio resume-se numa conversa, perguntas e respostas trocadas entre os representantes dos coletivos e os candidatos aos cargos maiores – Boulos e Sônia –,

ambos situados nos palanques e falando ao microfone para que todos pudessem ouvir. Entre litrões, discutiu-se sobre problemas que a juventude, principalmente, enfrenta no Brasil atual e possíveis maneiras de melhorar a situação. Falou-se sobre segurança pública, descriminalização das drogas, aborto, genocídio de pessoas negras, entre outros temas. Ressalta-se que todos os indivíduos presentes neste espaço prestavam atenção no que acontecia – nas campanhas eleitorais, nos assuntos discutidos no palanque, nos coletivos, nos candidatos, etc. Dessa forma, enxerguei o espaço dos bares transformado num espaço totalmente político por um momento.

Dia 06 de setembro de 2018, em um bar da 408 Norte.

Esse diz respeito ao dia seguinte ao aparente atentado⁴⁸ sofrido pelo então candidato à presidência e futuro presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, em Juiz de Fora (MG) durante uma campanha eleitoral. Foi registrado por mim no dia seguinte, em gravação de áudio. Trata-se de um episódio muito polêmico na política brasileira, o qual gerou muitas dúvidas e graves conflitos na sociedade e que não convém entrar em maiores discussões neste trabalho.

Fomos eu e parte do grupo, nessa quinta-feira à noite, a um bar no complexo de bares da 408 Norte. Reparámos que quase todas as mesas de todos os bares do complexo estavam ocupadas, a maioria de estudantes da UnB, talvez por ser véspera de feriado nacional – 07 de setembro é o Dia da Independência do Brasil. Nas TV's dos bares não paravam de passar notícias jornalísticas a respeito do suposto atentado ao candidato à presidência com mais intenções de voto, e que viria a aumentar esse dado em razão deste episódio. Dava pra ouvir o assunto ecoando em todas as mesas, inclusive na nossa. Todos comentavam sobre o ocorrido e expunham suas dúvidas para debate: realmente aconteceu? Por que as fotos e vídeos não mostraram nenhum sangue? Quem era a pessoa que realizou o ato? Qual o impacto nas intenções de votos?

A energia do ambiente estava agitada e as pessoas estavam confusas e ansiosas, de modo que refletia num espaço social microcômico um estado no qual se acredita que a maioria da sociedade brasileira se encontrava. Em nossa mesa havia tentativas de fuga ao assunto, para escapar à ansiedade. No entanto, era quase impossível desviar do tema política e uma das questões abordadas foi o fato de que, naquele mesmo dia, a Índia havia descriminalizado a

⁴⁸ “Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/bolsonaro-leva-facada-durante-ato-de-campanha-em-juiz-de-fora.shtml>>; Acesso no dia 28 jan. 2019.

relação homossexual no país. O grupo comemorou e ao mesmo tempo lamentou o caminho que a política brasileira está seguindo.

O debate dessa saída foi concluído pelo grupo com a ideia de que o cenário político no Brasil está espantosamente abalado e a sociedade passa por momentos de muita comoção, que leva a tensões violentas referentes a questões antes abafadas, as quais envolvem basicamente preconceitos e privilégios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brasília foi levantada na correria, em três anos de trabalho frenético, por imigrantes majoritariamente pobres e vindos de regiões rurais do Brasil. Eles lidaram com abusos e péssimas condições de trabalho, além da dificuldade de encontrar moradia: a cidade não foi planejada no intuito de abrigar os operários e suas famílias, mas a propaganda de JK foi tanta que incentivou esses a virem para a nova Capital para permanecerem e conseguirem uma vida melhor. Assim, ocorreu uma distorção no plano urbanístico de Brasília. A ideia era ocupar primeiro o Plano Piloto e depois seriam construídas as Cidades Satélites. Na prática, antes mesmo do Plano ser finalizado e ocupado, foram criados núcleos periféricos para abrigar os candangos e logo esses núcleos cresceram em tamanho e densidade demográfica, de maneira que se transformaram nas Cidades Satélites – mais tarde, reconhecidas Regiões Administrativas.

Ainda, os núcleos periféricos foram criados antecipadamente na estratégia de conter as invasões de operários pobres perto do Plano Piloto. Enquanto esses grupos sociais eram empurrados para longe do Plano, aos “invasores de gravata” a lei não era aplicada com tanto rigor, o que contribuiu para a segregação geográfica e social observada até hoje em Brasília. Isso porque o Estado foi possuidor e administrador das terras da nova Capital e aplicou, enquanto a cidade era erguida, uma lógica exclusiva de distribuição dos terrenos, garantindo “espaços distintos para habitação de diferentes setores sociais” (SANTOS, 2016, p.29). Mais tarde, depois da inauguração e desenvolvimento da cidade, houve um afrouxamento desse panorama devido à especulação imobiliária entre outros motivos, no entanto prossegue a lógica essencial de controle de terras, responsável por segregar grupos sociais e excluir alguns desses grupos.

O projeto de Brasília foi pensado para além de seus objetivos espaciais e físicos, pois a intenção era prever também as relações e práticas sociais que se desenvolveriam na cidade.

Para isso, algumas características foram implementadas, dentre elas a setorização, as longas vias e grandes distâncias entre as diferentes regiões e locais, a preferência por mobilidade automotiva, a abolição da “rua” e a falta de centro. O espaço de Brasília foi pensado e modificado de modo a evitar efervescência social, mistura de diferentes grupos sociais, diversidade, pluralidade e espontaneidade nas relações. Tal estratégia causa efeitos sociais e subjetivos na forma de se viver e socializar em Brasília, sendo um desses efeitos o sentimento de solidão e exclusão social nos cidadãos. A partir disso, trabalhou-se a ideia de Brasília como um “não-lugar”, que é o “espaço em relação ao qual o ‘eu’ não se reconhece como parte” (SILVA, 2008, p. 52).

O sentimento de exclusão social surge através da repressão das subjetividades e das relações espontâneas por meio do projeto arquitetônico e urbanístico. Contudo, os indivíduos na cidade não são passivos, são atores sociais. Os cidadãos constroem alternativas àquelas previstas autoritariamente pelo projeto da cidade, fugindo à homogeneidade, repetitividade e totalização. Essas alternativas são reinterpretações feitas pelos atores sociais de maneira a expandir suas subjetividades para o espaço concreto, de forma a modifica-lo e subverte-lo em sua intenção inicial.

Assim, os cidadãos atuam na reinterpretação dos vazios de Brasília, se manifestando de forma improvisada e espontânea: ao passo que a cidade constrói o indivíduo, o indivíduo constrói a cidade. As manifestações das subjetividades e alternativas criadas pelos cidadãos foram abordadas neste trabalho através do estudo dos bares da cidade, que surgiram, cresceram e popularizaram continuamente em lugares nos quais eles não foram previstos. Desse modo, os bares foram considerados nesta pesquisa como lugares alternativos e subversivos em Brasília, no qual se desenvolvem encontros e comunicações de mesmas características.

O estudo do desvio mostra que as pessoas se relacionam e se comunicam com base no conhecimento que possuem das regras sociais. Essas dependem de vários critérios como onde se está e em companhia de quem, a partir dos quais os sujeitos irão agir. Como os encontros e comunicações brasilienses giram em torno dos fluxos de trabalho/estudo/moradia, viu-se que muitas vezes os cidadãos estão subordinados às regras sociais conhecidas desses ambientes, agindo conforme essas. Portanto, os indivíduos de Brasília encontram dificuldades de desenvolver uma socialização mais plural e diversa pelo fato da estrutura espacial da cidade ter sido pensada de forma a limitar possibilidades de uma estrutura social mais plural e diversa.

Desse modo, os bares pesquisados permitem encontros e comunicações alternativas e subversivas, dispondo de regras sociais diferentes das que regem os ambientes contidos nos fluxos os quais os brasilienses estão limitados. Os frequentadores desses bares têm consciência

dos processos comunicativos que podem desenvolver nesses ambientes. Foram observados, durante a pesquisa, comportamentos diferentes do comum nas relações entre os sujeitos brasileiros no bar: a rua, a mistura, a bagunça, as risadas altas, o barulho, a descontração. Os indivíduos em interação nos bares transparecem em suas comunicações verbais e não-verbais mais espontaneidade, extroversão, falam mais alto, se expressam de forma mais expansiva e calorosa. Sendo assim, o crescimento e a apreciação de bares em Brasília são movimentos subversivos por incentivarem relações e práticas sociais fora da ordem prevista no projeto.

O objetivo deste trabalho foi investigar etnograficamente a rede de relações de bar e seus principais atores. Dado que o espaço, o tempo e as relações estudadas são diversos e construídos por vários indivíduos e suas subjetividades, a metodologia utilizada quis compreender essa verdade, explorando o pesquisado a partir de diferentes perspectivas. Logo, a pesquisa foi composta por 03 instrumentos metodológicos que se complementaram: o diário de campo compartilhado, o formulário online e as possibilidades audiovisuais. Esse plano metodológico foi bem-sucedido graças aos 66 anônimos que responderam voluntariamente ao formulário e graças ao grupo parceiro que muito colaborou no registro das vivências de campo. Foi interessante observar como os integrantes do grupo se envolveram no tema e na pesquisa, adquirindo olhar etnográfico.

Nas saídas realizadas com o grupo parceiro aos bares da Asa Norte e de Taguatinga foram observadas muitas situações nas quais se refletiram e foram debatidas as questões expostas no conteúdo deste trabalho. Para organizar a exposição das vivências de campo, foram utilizadas as respostas à pergunta do formulário: “Qual(is) seu(s) motivo(s) para ir em bares?”. As respostas tiveram como foco 05 principais tópicos: a) encontrar pessoas ou “socializar”; b) conversar ou “colocar o papo em dia”; c) “distrair”, “desestressar”, “relaxar”, “espairecer” ou “descontrair”; d) consumir drogas ou “beber breja”, “fumar um tabaquinho”, um “cigas” ou “um baseadinho”; e e) “ultimamente”, debater política. Tais tópicos foram abordados um por um, relacionando o conteúdo teórico e as vivências cabíveis na sua exposição e reflexão.

Um dos fatos constatados no primeiro tópico foi o de que as pessoas vão para o bar encontrar outras pessoas. O bar se apresenta como importante espaço para uma socialização diferente, que foge às responsabilidades cotidianas, às pressões do trabalho ou estudo. Outro fato registrado foi o de que a socialização de bar é afetada pela segregação e exclusão social, as quais são efeitos do projeto de Brasília. Quem cresce no Plano ou próximo não costuma fazer contato com quem cresce em localidades mais distantes e vice-versa. Assim, os grupos sociais se constroem dentro de limitações, que formam bolhas de realidades que dificilmente se misturam e facilmente alimentam preconceitos. Foi revelada a insatisfação de jovens moradores

de RAs distantes do Plano a respeito dessa segregação, pois enquanto vários deles se deslocam para o Plano para encontrar amigos nos bares, o contrário geralmente não acontece.

No segundo tópico, foi observado que é em torno principalmente das conversas que as pessoas interagem nas relações de bar. A variedade de assuntos conversados em mesa de bar é imensa e essa comunicação se torna mais interessante ao se pensar que se tratam de interações cara a cara, pelas quais os indivíduos se expressam não só verbalmente, mas cenicamente. A possibilidade comunicativa entre pessoas nesses espaços se torna muito expansiva, visto que os discursos surgem com mais liberdade e as expressões são amplificadas. Concluiu-se na sociabilidade de bar papel crucial na expansão de discursos que geralmente são limitados e reprimidos em ambientes institucionalizados. Os discursos dizem respeito a transbordamentos sociais, ou seja, têm o poder de sair da cabeça das pessoas e reconfigurar pensamentos e práticas sociais, pessoais ou coletivas. Uma vez que os bares pesquisados proporcionam esses transbordamentos, vale considerar a sua importância nas reconfigurações da estrutura social de Brasília.

No tópico “c” foi abordada a intenção de desconstruir o tempo social pelos frequentadores dos bares pesquisados. Este é o tempo que organiza a vida social e sincroniza as atividades humanas, a partir do qual se estabelecem as rotinas e os calendários para o funcionamento das sociedades. O bar é um espaço onde os seus frequentadores se sentem a vontade para desabafar sobre estresses do cotidiano e conversar sobre tantas outras coisas que podem nem ter a ver com as responsabilidades do dia-a-dia. Assim, busca-se o prazer em, por um momento, fugir das obrigações. A fuga envolve também o escape da cobrança de si, ato praticado com rebeldia, subjetivamente pelos indivíduos frequentadores dos bares. O consumo de drogas é um dos instrumentos facilitadores que compõem a fuga e a desconstrução mencionadas.

A respeito do consumo de drogas nos espaços dos bares pesquisados, compreendeu-se que é muito raro que não aconteça o consumo de drogas no bar e quase tão raro quanto é que não ocorra o consumo de álcool. Além disso, observou-se nas vivências de campo que o consumo não ocorre somente por parte dos frequentadores nos bares pesquisados, mas também pelos donos e garçons.

Discutiu-se sobre o protagonismo da cerveja: beber cerveja foi um dos motivos mais comentados em resposta à pergunta do formulário. Observou-se nas saídas com o grupo parceiro como o espaço convida ao consumo dessa bebida, pois a publicidade é muita, o preço é barato e quase todas as pessoas fazem esse consumo no bar. Foi abordado com maior profundidade o papel da publicidade nesse fato, a qual constrói no imaginário das pessoas uma

associação do consumo de cerveja a momentos de lazer (BERTOLO e ROMERA, 2011). Nas peças publicitárias são exploradas imagens de pessoas jovens, bonitas, relaxadas, alegres, com amigos em ambientes de descontração – geralmente um bar ou uma praia – fugindo das responsabilidades cotidianas, desconstruindo o tempo social e brindando com copos de cerveja gelada. Para demonstrar o nível excessivo de consumo de cerveja que pode ser atingido nos bares pesquisados, foi relatado episódio vivenciado com o grupo parceiro durante a Copa do Mundo FIFA, no qual, nesse dia, acabaram todos os estoques de litros dos bares da 408/409 e 410/411 Norte.

O consumo de tabaco foi também muito comentado nas respostas ao formulário, além de visto nas saídas com o grupo parceiro. Apesar de não se comparar ao consumo de álcool – especialmente a cerveja – ainda pode ser considerado bastante consumido nos bares pesquisados. A preferência entre os frequentadores é mais pelo tabaco de enrolar do que pelo cigarro branco. Foi comentado algumas vezes em mesa de bar pelos fumantes do grupo parceiro que a vontade de fumar aumenta quando se está bebendo. Eles compartilharam que as suas frequências de consumo diminuem muito ou chegam à zero no dia-a-dia, de maneira que alguns só o fazem no bar e bebendo. Concluiu-se que é raro o consumo de tabaco, cigarro e/ou maconha ocorrer sem que ocorra também o consumo de álcool – na maioria das vezes, de cerveja – nos espaços dos bares pesquisados.

Foi concluído ainda que os fumantes de tabaco e derivados têm consciência dos prejuízos causados pelo consumo, diferente do álcool. A indústria tabagista não tem permissão para induzir a sociedade ao consumo destes produtos, isso por conta da Política Nacional de Controle do Tabaco executada pelo estado brasileiro e bem-sucedida em seu propósito de informar sobre os males e reduzir este consumo na população (PORTES et al., 2018). Além disso, não é permitida a construção da relação desse produto com o bem-estar (PORTES et al., 2018, p. 1843). Sendo assim, o álcool é mais socialmente aceito do que o tabaco, mas, apesar de seu consumo ser mais consciente por parte dos usuários e de terem aparatos legais que restringem o seu uso, o tabaco de enrolar mais que o cigarro branco é consideravelmente consumido pelos frequentadores dos bares pesquisados. Tanto que uma das exigências dos frequentadores é poder sentar-se ao ar livre, onde seja possível fumar na mesa de bar.

O consumo de maconha também foi comentado nas respostas ao formulário e observado nos bares pesquisados. A conclusão foi que nos bares do Plano Piloto há mais liberdade para fumar maconha na mesa, enquanto nos bares de Taguatinga há a necessidade de se afastar. O consumo aparentou ser o mesmo em quantidade tanto num local quanto no outro. O que difere é somente a forma de consumir. Trata-se de uma droga ainda ilegal e mal vista na

sociedade brasileira e especificamente no DF. Aqueles que a consomem, carregam consigo um estigma (GOFFMAN, 1982), geralmente abastecido de carga negativa e enxergado pela sociedade como um desvio (BECKER, 2009). Uma vez que são reconhecidos maconheiros podem, além das consequências legais – abordagens policiais –, sofrer com a imposição de uma série de estereótipos associados a este subgrupo. Os estereótipos podem ser mais ou menos graves dependendo de coisas como: como se consome, com quem se está acompanhado e onde se está durante o consumo, aparência – cor de pele, expressão de gênero, vestimentas – etc. Por conseguinte, é de conhecimento geral dos usuários de maconha e dos donos e garçons dos bares que o seu consumo em Taguatinga é mais “perigoso”, propenso a ser gravemente estigmatizado, do que no Plano Piloto.

Enfim, referente ao último tópico afirmou-se que a política é muito presente em mesa de bar, sendo este palco de debates fervorosos, onde as pessoas expõem suas opiniões com maior liberdade comunicativa. Dentre os diversos assuntos que percorrem as conversas nos bares pesquisados, sempre há a discussão de questões políticas principalmente vinculadas a atualidades e às causas sociais da juventude atual. Na época em que foi feita esta pesquisa notou-se que os bares adquiriram uma ambiência política mais intensa do que o costume, por ter sido um período pré-eleições. Foram vivenciados e expostos episódios nos quais os bares pesquisados se transformaram, por um momento, num espaço totalmente político, exemplo de como os indivíduos podem contribuir na construção do espaço-tempo, modificando lugares físicos a partir de suas subjetividades.

7 REFERÊNCIAS

- BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Nos bares da cidade**: lazer e sociabilidade em Brasília. 2012. 231 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/12311>>.
- BECKER, Howard Saul. **“Outsiders”**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BERTOLO, Mayara; ROMERA, Liana. Cerveja e publicidade: uma estreita relação entre lazer e consumo. In: **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 1-27, jun. 2011.
- BEÚ, Edson. **Expresso Brasília**: a história contada pelos candangos. Brasília: LGE, 2006
- LARANJEIRA, Ronaldo et al (Orgs.). I Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

Disponível em: <

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_padroes_consumo_alcool.pdf>.

CODEPLAN. Governo do Distrito Federal – GDF. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal – PDAD/DF 2015**. Brasília, 2016. Disponível em:

<<http://www.codeplan.df.gov.br/pdad-2015/>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

CODEPLAN. **Resumo da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal - PDAD/DF 2015**. Brasília, 2016. Disponível em:

<<http://www.codeplan.df.gov.br/pdad-2015/>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

BRASIL. Governo do Distrito Federal – GDF. **Indicadores de Desigualdade Social no Distrito Federal**. Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN – Brasília, 2007.

SENRA, Nelson de Castro (Org.). **Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SIQUEIRA, Paula (Trad.). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. In: **Cadernos de campo**, USP, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50263/54376>>.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 2002.

_____, Erving **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MACHADO, Jorge. Reflexões sobre o Tempo Social. In: **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. especial 13, p. 11-22, 2012.

PAVIANI, Aldo (Org.). **Brasília: moradia e exclusão**. Brasília: Editora Universidade de Brasília (Coleção Brasília), 1996.

PORTES, L. H. et al. A Política de Controle do Tabaco no Brasil: um balanço de 30 anos. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1837-1848, jun. 2018.

ROMERA, Liana. Copa do Mundo e cerveja: impactos intangíveis de um megaevento. In: **Movimento, Porto Alegre**, v. 20, n. 2, p. 775-798, jun. 2014.

SANTOS, Diego Martins dos. **A história da formação de Brasília como a construção da exclusão**. 2016. 47f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016

SILVA, Inaé Elias Magno da. Utopia e silencia: vida pedestre, imagem e emoção em Brasília. In: **Cronos**, Natal, v. 9, n. 1, p. 35-64, jan./jun. 2008.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

Referências audiovisuais

Memórias Póstumas de Bares e Culpas. Direção: Jacques Sanfillipo, Gilberto Barral e Maíra Zenun. Documentário. Digital. 3'28, cor, Brasília, 2009.

Bate papo com Howard S. Becker: Prof. João Manfio. Direção: Núcleo de Estudos de Sociologia Contemporânea (NESC) – UNISOCIESC – Joinville. Entrevista. Digital. 1h12'22, cor, São Francisco, Califórnia, Estados Unidos, 2014.